



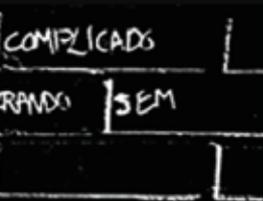
PIXOU DE NOVO?

Uma narrativa sobre as relações socioespaciais do cotidiano escolar.



Amarolina Ribeiro
Glauco Roberto Gonçalves

Ciar UFG



FIXOU DE NOVO?

Uma narrativa sobre as relações socioespaciais do cotidiano escolar.

Amarolina Ribeiro
Glauco Roberto Gonçalves

Ciar UFG

Goiânia
2025



Esta obra está sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0: esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Universidade Federal de Goiás

Reitora

Angelita Pereira de Lima

Vice-Reitor

Jesiel Freitas Carvalho

Pró-reitor de Pós-Graduação

Felipe Terra Martins

Programa de Pós Graduação em Ensino na Educação Básica • PPGEEB

Coordenador

Glauco Roberto Gonçalves

Vice Diretor

Evandson Paiva Ferreira

Centro Integrado e Aprendizagem em Rede • CIAR

Direção

Wagner Bandeira

Vice-Direção

Silvia Figueiredo

Coordenação Pedagógica e Gestão Moodle

Janice Lopes

Coordenação Tecnológica

Amilton Araújo

Coordenação de Comunicação

Raniê Solarevisky de Jesus

Coordenação de Projetos Educacionais

Ana Bandeira

Coordenação de Inovação e Interface

Victor Hugo César Godoi

Direção de Arte

Renato Galhardo

Desenvolvimento do Ebook

Victor Hugo César Godoi

Design UI

Valéria Lima dos Santos Evangelista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) GPT/BC/UFG

R484 Ribeiro, Amarolina.
Pixou de novo? : uma narrativa sobre as relações socioespaciais do cotidiano escolar. [Ebook]. / Amarolina Ribeiro. - Dados eletrônicos - Goiânia : Ciar UFG, 2025.

Inclui referências.
ISBN (Ebook): 978-65-85278-69-0

1. Escolas - Estudantes - Relações. 2. Ambiente escolar. 3. Comunidade e escola. I. Título.

CDU: 37.064

Bibliotecário responsável: Enderson Medeiros / CRB1: 2276

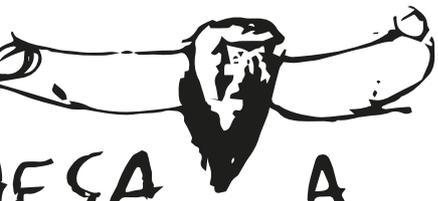
SANGUE
NOVAS
ASIS?

RAÇÃO COMPLICADO ESSE SEU
ERANDO SEM NUNCA INSISIR

ELL



OS RICOS
DAG
ACC



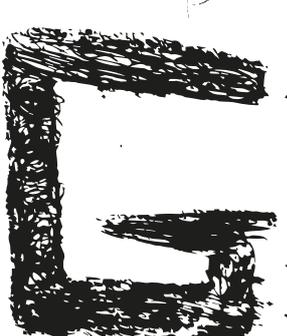
MEÇA A EMPATIA

ENSTE PORQUE AINDA É FAVORAVEL

DOZAS

~~FJO~~

DOG MAL
DOG MAU



HARINE



ESTÃO AQUI OS POBRES
M S Aculdadoes Particulars



QU
CO
EU S
QUANDO CO
J



PHAN



SUMÁRIO



01 *Apresentação*

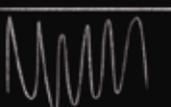
02 

07 Jorge



12 Geovana



18 Ediane 

26 Isa



34 A Escola

APRESENTAÇÃO

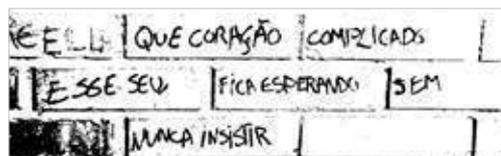
A escola é, sem dúvidas, uma das instituições mais importantes de uma sociedade. Para além de seu caráter curricular – inegavelmente importante –, as escolas são espaços de trocas, de experiências e de vivências que marcam profundamente a vida daqueles que por ela passam. A escola pública – pano de fundo da história abordada neste livro –, em especial, assume importância ainda maior: são locais, em muitos casos, onde sua comunidade, exclusivamente, terá acesso a bens como livros, acesso à internet e lazer.

Assim sendo, destaca-se a relevância da escola e, claro, da própria educação como ferramentas de transformação social. Entretanto, esse propósito não teria sucesso se não fosse produto de uma construção coletiva, ou seja, protagonizada por todos aqueles que são e fazem a escola. É a partir desse pensamento, desvelado por uma história cativante, que descreve cenas e paisagens de uma realidade muito conhecida dos docentes que atuam em escolas públicas, que a autora, Amarolina – Mara, para os íntimos –, faz uma autocrítica sobre as relações humanas entre professores, alunos e equipe diretiva, como direção, coordenação etc.

Sob uma ótica peculiar, a visão da escola aos olhos dos alunos, e com muita propriedade – sendo a autora conhecedora da realidade que aborda, com anos de experiência como professora da Educação Básica –, Mara nos traz uma narrativa permeada com assuntos pertinentes para reflexão, a exemplo do protagonismo estudantil, pobreza, desigualdade e questões raciais. Se queremos um mundo melhor, com justiça social, esses temas devem ter espaço amplo para debate nos espaços escolares.

Tiago Paixão

*Mestre em Ensino de Geografia,
Professor da Educação Básica.*





“Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de maneira crítica.”

Paulo Freire

– Por favor, sente-se aqui. Logo venho falar com vocês – diz o coordenador, indicando a cadeira para o garoto e, em seguida, saindo da sala para resolver uma briga ocorrida no recreio.

“O que esse playboyzinho está fazendo por aqui?”, pensa a garota, cismada, ao ver o aluno estranho.

Ele também não parece nada confortável com aquele silêncio constrangedor partilhado com a garota desconhecida. Mas não consegue desviar os olhos do rosto dela. “Que menina linda!”, pensa. Olhos grandes, marcantes, lábios grossos, expressão densa, forte. Toda a tensão da circunstância parece ter desaparecido. Esquece de momento o que o levou àquela sala de coordenação. Só consegue observar a garota à sua frente.



Isa, ao contrário, investiga o garoto com desconfiança. Pensa logo que, com o valor do tênis dele, dá para comprar a moto do padrasto. O moletom do colégio KS – preferido da elite da capital – completa o figurino que a intriga.

– Bom dia, dona Isaltina Alice. Mais uma vez veio me visitar? Já faz quantos dias mesmo? – fala o coordenador ao entrar novamente na sala, em tom que parece ao garoto excessivamente ríspido. – Já trato do seu caso. – Virando-lhe as costas, dirige-se ao garoto. – Bom dia... como é mesmo o seu nome?

– Jorge. Jorge Fantinni – diz o garoto, com a voz firme, mas em tom educado.

– Pois então, Jorge, eu deveria ter colocado você na sala de aula ainda neste horário. Mas aconteceu um problema no recreio que eu precisei resolver. A diretora já me falou do seu caso. Vou tirar uma cópia do regimento escolar para que você conheça as regras que têm de cumprir. É colégio público, mas as infrações disciplinares aqui são punidas severamente. Não é mesmo, dona Isaltina Alice? – dirige-se com ironia à garota, que está nitidamente constrangida e furiosa.



Ela levanta os ombros e coloca a coluna ereta, ergue a cabeça e encara o coordenador. Não diz nada. Seu semblante é de raiva, muita raiva.

Novamente o coordenador sai da sala.

Jorge, tentando entender a situação, cria coragem e conversa com a garota.

– Então, o que que houve? – pergunta e imediatamente se arrepende, dada a expressão do rosto dela.

----- ^ p.3 v

– A professora me mandou pra cá – responde ela com educação, para surpresa do garoto. Isa chegou na sala depois que a professora já havia entrado. Estava no banheiro, que só tem um sanitário funcionando. Havia, como sempre, uma fila grande. Por isso, acabou demorando, e a professora não permitiu que ela entrasse na sala. Essa professora a odeia. Deve ter adorado não a ter na sala por pelo menos uma aula. Isa já está acostumada. Mas não deixa de achar injusto. – Mas e você, o que faz aqui? Não é aluno, né? – diz em tom suave, mas satisfeito, já que está curiosa para saber mais sobre o garoto metidinho.

– Agora vou ser. Vou começar hoje. Estava desde cedo esperando a diretora, que me disse para vir pra cá agora. Mas a professora te mandou para a coordenação só por ter chegado depois dela? – pergunta o garoto, meio sem acreditar na versão de Isa.

– Não precisa de motivo para me punir aqui. Tudo o que acontece é culpa minha. Tô marcada, já – ela fala, dessa vez, com o olhar triste, em direção ao chão. – Você estudava no KS? – diz ela, um pouco constrangida, porém aliviada por finalmente perguntar o que quer saber sobre o novato.

– Sim, mas agora vou estudar aqui. Faço o terceiro ano, e você?

• • •



Assim que a mãe de Jorge estaciona o carro na porta da escola, ele passa a observar tudo. O muro externo, deve ter muitos anos que não recebe uma pintura. Está cheio de pichações e muito sujo. Uma parte da calçada não tem pavimento, e o mato que ali cresceu está bem alto. O portão da frente, trancado com corrente e cadeado, é rapidamente aberto assim que a porteira os vê. São cordialmente convidados a esperar a diretora na sala dela. Lá está tudo muito organizado. Há um bom sofá, alguns quadros na parede, plantas artificiais, frigobar, ar-condicionado e um tapete combinando com o sofá. São-lhes oferecidos café e água, que ambos agradecem, mas não aceitam.

Alguém da administração da escola telefona para a diretora, que avisa que vai demorar um pouco para chegar. Enquanto isso, Jorge e a mãe pedem para andar um pouco pelo colégio. Autorizados, assim o fazem.

Os dois em silêncio, mas se comunicando pelo olhar, veem, ao lado da diretoria, a sala dos professores: um espaço também decorado, com geladeira, micro-ondas, bebedouro e uma longa mesa com arranjo de flores. Dois professores lá estão atentos aos seus celulares, um deles no sofá. Ao lado da sala, há banheiros para uso exclusivo de professores e funcionários.

Assim que chega Noeli – a diretora –, mãe e filho são convidados a conversar em sua sala. Helena Fantinni explica a situação do filho para a gestora, que, de posse das informações expostas, concorda com a matrícula e explica as formalidades da transferência do garoto para o novo colégio.

• • •

Nem sua mãe, nem o padrasto estão em casa quando Isa chega da escola. Ela terá um tempo para pensar em como vai falar com a mãe sobre a advertência que levou. Desde o início do ano, essa situação se repetiu várias vezes. E, embora cansada de tudo, Isa não quer decepcionar sua mãe novamente. Pelo menos desta vez o coordenador não pediu que a mãe comparecesse à escola.

----- ^ p.4 v

Ao entrar no quarto, ela encontra as duas irmãs deitadas na sua cama.

– Se vocês têm as suas, por que estão sempre na minha? – pergunta, chateada, enquanto tira o uniforme.

– Ficar no beliche é ruim – diz Juliana, a caçula das três.

– Mas vocês deixam sempre tudo bagunçado. Outro dia, tinha farelo de bolacha na minha cama. Não quero vocês aí em cima. E esse pé sujo no meu lençol, Daniella? Estou cheia! Todo dia é isso, vocês não respeitam meu espaço!

– Affs! Vamos lá pra fora, Ju – diz, sorrindo, Daniella. – Ela tá nervosinha. Daqui a pouco, começa a gritar.

Isa está atrasada. Não tem tempo de prolongar a discussão. E está chateada o suficiente com a advertência por escrito que foi obrigada a levar para a mãe assinar. Sente que o mundo inteiro está contra ela.

Nesse momento, lembra-se da amiga Geovanna. Não a tem visto na saída do colégio. Ela deve ter ido para a casa do Dan, o namorado. “Não vou com a cara dele”, pensa Isa, “mas não sei bem o porquê.” Enquanto almoça apressada, fala pelo celular com Geovanna sobre o garoto novo no colégio.



A caminho do curso, que frequenta três tardes por semana, Isa não usa o celular. Tem medo de ser roubada. O jeito será terminar a conversa com a Geovanna mais tarde.

O balançar do ônibus embala seus pensamentos: o encontro que terá com a mãe no final do dia, a maneira como aquele garoto lhe olhou, a professora sorrindo ironicamente para ela na saída. Sua mente não para. Ela se sente angustiada.

Quando chega ao curso, pergunta mais uma vez ao instrutor se não surgiu nenhuma vaga de estágio ou aprendizagem.

– Tenha paciência, menina – diz ele, sorrindo. – Logo conseguiremos uma colocação para você. Tem que terminar os cursos.

– Mas tem gente que no começo já conseguiu trabalho. Eu estou terminando e até agora nada.

• • •



– Jorge, vem almoçar. É uma e meia e a Josefa tem que tirar a mesa – diz Helena, já com a bolsa a tiracolo. – Vou para a loja, mas lá pelas cinco eu volto. Não esquece de lanchar. Come uma fruta. Tem tarefa da escola?

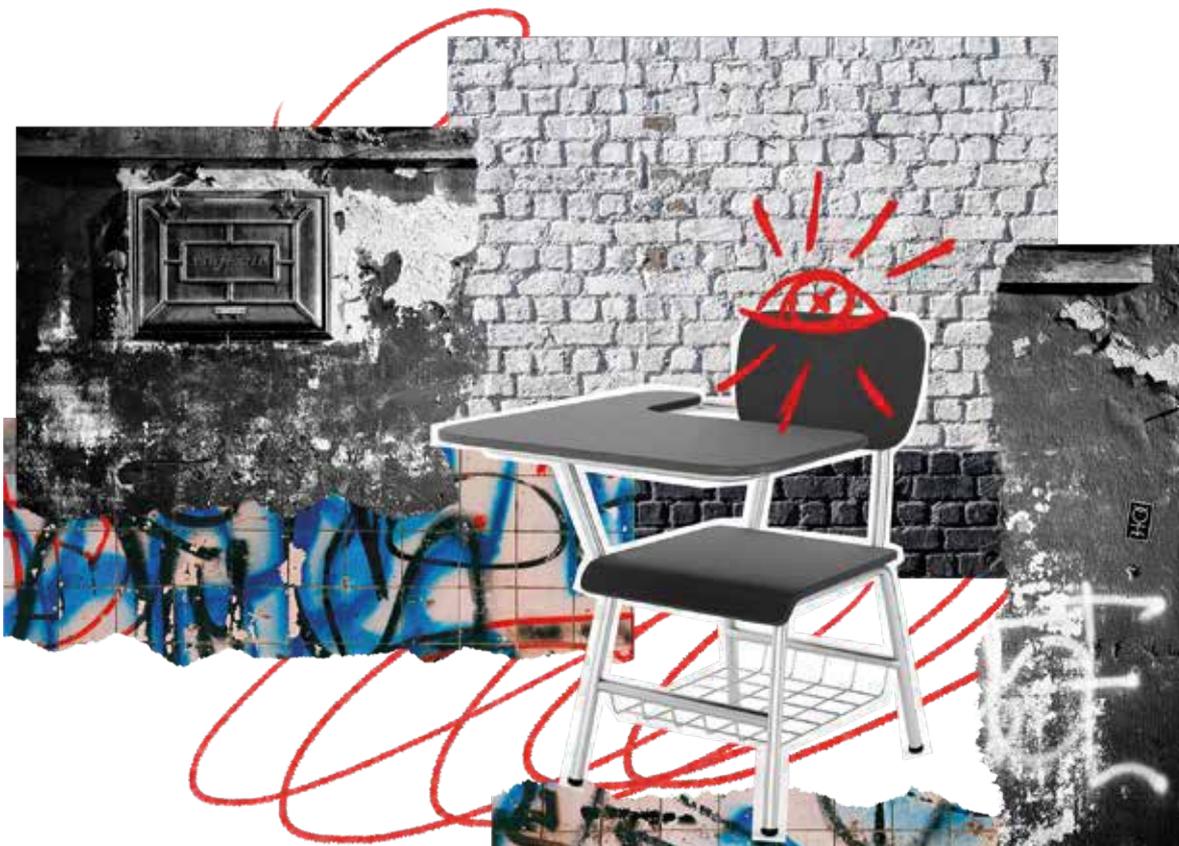
– Não – diz ele, sem desviar os olhos do notebook. – Por favor, fecha a porta do quarto.

Os pensamentos de Jorge também voam. Está pensando na garota da coordenação. Na escola nova. E no contraste daquele lugar em relação à sua casa e ao antigo colégio. No condomínio fechado onde mora, o DeltaVille, provavelmente nenhum garoto estudou em uma escola daquele tipo. Mas ele se sente aliviado por não estar mais no KS.

• • •

Helena não está nada satisfeita com a mudança de colégio do filho. O pai, menos ainda. Mas o filho já é maior de idade. É isso ou Jorge não vai terminar o ano.

Ela ficou impressionada com as condições da escola. Tantas pichações nas paredes, nos muros, nas carteiras. Mas o que mais a preocupa são as possíveis influências negativas que os colegas podem exercer sobre Jorge. Naquele colégio, certamente há marginais. Traficantes, bandidos. Notou isso pela aparência dos garotos daquele lugar. Dava para notar. “E aquelas roupas? Vários com tatuagens”, pensa Helena, aflita. Mas, pelo menos por enquanto, não consegue pensar em outra solução.



Sugeri antes que Jorge fizesse um intercâmbio de um mês nos Estados Unidos ou na Europa, para que o garoto pudesse ter tempo de refletir e voltar ao Brasil para finalizar o ano. Jorge, no entanto, foi irredutível. Não aceitou a proposta e disse que iria para uma escola pública. Só restou aos pais acatar a decisão do garoto.

Helena levará o filho todos os dias para a escola, e ele voltará de aplicativo de transporte. Não confia em deixá-lo ir dirigindo o próprio carro, embora ela imagine que ele também não queira isso. Destacar-se demais em um ambiente daquele pode ser perigoso.

“Ainda bem que hoje tenho terapia”, pensa Helena, agora um pouco aliviada com a lembrança. Ter alguém que te escute e te aconselhe é maravilhoso. Enquanto estaciona o carro no subsolo de uma das lojas da família, ela se pergunta por que as pessoas não fazem terapia. Não consegue entender.

• • •

Dog Mc está especialmente animado com a chegada de Isa. Como ela ama aquele vira-lata brincalhão! Às vezes, deseja que ele pudesse falar. Com certeza, ele diria palavras de afeto, carinho e alento. Mas já lhe proporciona isso com suas festinhas, afagos e atenção.



Isa vai direto para os fundos da casa. Troca a água do Dog Mc e completa a ração dele. E o bichinho, sempre à sua volta, faz-lhe companhia. Ao entrar no quarto, um alívio: as irmãs não estão lá.

Logo ouve o barulho da porta, sua mãe chegando do trabalho. Receosa, decide esperar um pouco mais para falar sobre o documento que trouxe da escola.

– Hoje a faxina foi pesada. O povo daquele condomínio não tem noção do que é limpar uma mansão daquela. Tô morta – diz Maísa assim que avista a filha.

– Vai descansar, mãe. Tomar banho. Eu faço a janta. Tem carne descongelada? – pergunta Isa, com a voz cansada, mas gentil.

– Tem, sim. Tirei o frango hoje de manhã. Faz frito que o Vilson gosta. Onde estão suas irmãs? Coloca esse cachorro para fora. Parece sua sombra, não desgruda de você – diz, sorrindo, em meio à exaustão.

– Quando cheguei, elas não estavam. Posso fazer o frango no arroz? – pergunta. – Sai, Dog Mc. Vai lá para o quintal – espanta o cachorro, obedecendo à mãe.

– Pode, sim. Rala umas cenouras e coloca junto. Como foi o curso hoje? Apareceu algum estágio?

– Nada, ainda, mas o professor disse que logo vai aparecer.

– E na escola, correu tudo bem?

Isa pensa em deixar o assunto para depois do jantar, mas, agora que a mãe perguntou, ela decide resolver logo o assunto.

– Tive problema lá. A professora não me deixou entrar depois do recreio, aí o coordenador mandou uma advertência pra senhora assinar – diz tão rápido que a mãe quase não consegue entender.

Ao contrário das reações habituais da mãe, provavelmente devido ao cansaço do trabalho, antes de começar a brigar com a filha, Maísa pergunta:

– Outra vez aquela professora de português? Ou dessa vez foi outra?

– Sim, a mesma. – Isa espera a bronca, mas a mãe fica em silêncio.

Já que ela lhe dá espaço, a jovem tenta se explicar:

– Eu demorei no banheiro. E já falei pra senhora, lá é só um vaso que funciona. E a porta ainda tá sem o trinco. Tinha uma fila enorme de meninas querendo usar, e o pior é que nunca tem papel higiênico. Quando chegou a minha vez, já tinha batido o sinal. Assim que saí, fui direto pra sala. Mas ela disse que ninguém entra depois dela. Tentei explicar, mas ela gritou que não queria saber. Me mandou pra coordenação, fizeram o registro lá, assinei o livro e me deram esse papel – diz, tirando a advertência do bolso e entregando-a à mãe.

Isa está assustada. Ao contrário das outras vezes, a mãe não diz nada, não faz o sermão de sempre. Apenas pega uma caneta na estante, assina o papel e o devolve. Ela parece triste, não zangada. Essa reação destroça Isa. Ela ama a mãe mais do que tudo nessa vida. Reconhece sua luta diária, seu esforço para ser uma boa mãe e esposa. Vê-la triste por sua causa, e ainda por cima em silêncio, não é algo com que saiba lidar.

– Tem feijão cozido na geladeira. Não precisa fazer – a mãe fala em tom baixo e vai para o banho.

Assim que o jantar fica pronto, seu padrasto, Vilson, chega do trabalho. Ele sempre come rápido e volta para as entregas da farmácia onde trabalha. Pergunta também pelas meninas, que já estão no quarto. Elogia o cheiro da comida e vai ao encontro de Maísa, que está na área de serviço.

Todos jantam, cada um em um lugar da casa. Só o casal come à mesa. As meninas, na sala, e Isa, na área de serviço, junto ao seu querido companheiro canino.

Como de costume, a mãe e as filhas assistem às novelas da noite na sala. Vilson já voltou ao trabalho. Isa, no entanto, tem o hábito de ler nesse horário, o único em que consegue ficar sozinha.

Desde que mudou de escola, Isa só lê os livros digitais em seu celular ou os que a professora Ediane lhe empresta de seu próprio acervo. Quando lê, esquece tudo: a escola que odeia, os desentendimentos com a mãe e as irmãs, a dificuldade de lidar com sua aparência e as angústias que têm em relação ao futuro.



No entanto, nesse dia, está com dificuldade de se concentrar na leitura, que é seu oásis em meio aos problemas. Seus pensamentos insistem em retornar à conversa que teve com o garoto na escola. A princípio, pensou que o guri era metido, já que ele nitidamente não é da mesma classe social dos garotos que frequentam o colégio. Mas ele foi tão gentil e agradável com ela que, apesar da desconfiança, começou a nutrir uma simpatia pelo novato.

Ficou surpresa quando ele lhe pediu o telefone. Ele usou um argumento para o pedido que lhe pareceu meio duvidoso, mas, no fim, deu o número. “Será que ele gostou de mim?”, pensa Isa, quase se sentindo ingênua por achar que um garoto como aquele poderia estar interessado por uma menina como ela. Tenta se concentrar novamente na leitura. Já é hora de dormir e, no dia seguinte, ela terá um dia cheio com seu trabalho em festas infantis.

Antes de dormir, no entanto, vai ao quarto da mãe para desejar boa-noite. Ao entrar, percebe que, de tão exausta, a mãe dormiu com roupa e tudo. Decide ajeitar o travesseiro e cobri-la com um lençol. Mesmo adormecida, beija com carinho sua testa.

Espero chegar o sábado de manhã para entrar em contato. Não quero parecer ansioso demais. Porém, a demora só faz aumentar minha aflição. Fiquei imaginando que tipo de assunto eu conversaria com ela. Eu não sou nada bom nisso. Além do mais, vivemos realidades muito diferentes. E se ela me achar um chato?

“Não sou descolado nem “interessante” como aqueles garotos da escola”, penso enquanto como o café da manhã que a Zefa preparou.

Na verdade, não dormi bem nessa noite. Pensei várias vezes na opção de não falar com ela. Nesse momento da minha vida, colocar mais uma pessoa nessa confusão que está a minha cabeça não parece boa ideia. Só não desisti porque, por mais que eu tente, a Figura, a feição da Isa não saem da minha mente. Por que é que alguém consegue dominar dessa maneira os nossos pensamentos? Será que todo mundo já passou por isso? Ou eu é que estou ficando paranoico?

Sei lá, talvez me relacionar com alguém diferente de todas as pessoas “tão iguais” em meu entorno pode fazer esse turbilhão no qual estou se atenuar um pouco. Até porque faz um bom tempo que eu não sinto vontade de conversar nem de estar com alguém. Deixar essa vontade passar seria prejudicar a mim mesmo novamente. E, por mais que eu seja campeão em provocar situações difíceis, desta vez vou agir diferente.



Eu jamais imaginaria que nosso ponto em comum seria a leitura. Um pensamento preconceituoso, provavelmente. E me envergonho disso assim que percebo. Me sinto aliviado logo no início da conversa, já que eu não sei bem sobre o que quero falar. Não posso dizer de cara que a acho linda e que não consigo parar de pensar nela desde que nos conhecemos, nem que esse é o real motivo de eu falar com ela.

Conversamos sobre a escola, e fico surpreso com a perseguição que ela precisa enfrentar. Desde que se mudou para a capital e teve de trocar de escola, Isa vive um verdadeiro inferno cotidiano, especialmente em relação à professora Romilda, que ministra a disciplina de língua portuguesa.

Começamos a conversar todos os dias. No começo, só trocamos mensagens algumas vezes durante o dia. Em pouco tempo, passamos a nos falar a toda hora: antes da aula, depois da escola, à noite e no final de semana. Por redes sociais, mensagem de texto, áudios, calls e ligações de vídeo. Mas, quando nos encontramos no recreio, pessoalmente, ainda agimos como duas crianças tímidas.

Fico chateado por não conseguir, nos nossos breves encontros, demonstrar o que eu realmente sinto por ela. Só eu sei o quanto quero trocar com ela mais do que olhares e sorrisos. Mas ainda me sinto muito inseguro. Por vezes, penso que ela também gosta de mim como eu gosto dela; mas, em outros, acho que ela me vê apenas como um bom amigo. Afinal, ela é tão inteligente, tem uma personalidade tão marcante, se expressa de maneira tão segura e, além do mais, é tão linda. Também me pergunto se seria certo ter um envolvimento mais profundo com ela, na situação complicada em que estou.

• • •

Hoje, no recreio, já chego pegando no pé dela por estar usando aquele moletom gigante em um dia de tanto calor. Mas, ao me aproximar do nosso banco, encontro-a cabisbaixa e muito séria. Mudo o semblante e pergunto:

– O que houve? Desculpe pelo que disse. Você ficou chateada?

Sem dizer uma palavra nem se mover, vejo a primeira lágrima cair. Fico instantaneamente desesperado. Me sento ao lado dela e digo de novo:

– Me perdoa, não queria te chatear.

Bem baixinho, ela responde:

– Não é isso. É aquela bruxa, a dona Romilda, a professora de português, outra vez me perseguindo. Falei umas coisas para ela, mas ela me ofendeu demais.

Nesse momento, não me contendo e a abraço. No mesmo instante, toda a sua tensão se desfaz e ela se entrega ao abraço do mesmo modo que ao choro. Ficamos ali assim, abraçados e em silêncio, por uma eternidade. Enxugo seu rosto e ela agradece. Toca o sinal que marca o fim do intervalo e indica que devemos ir para a sala de aula, mas chamo Isa para irmos à quadra, para que ela possa me contar o que realmente aconteceu.

Por sorte, não há aula de Educação Física naquele horário. Estamos a sós, sentados nos degraus da arquibancada. Mais calma, Isa começa a falar:

– A professora entrou na sala e pediu para a gente fazer as atividades das páginas 220 a 232 do nosso livro. Quando eu abri na página indicada, vi que mais uma vez ela não tinha explicado o conteúdo dos exercícios que tinha pedido para a gente fazer. Pensei em apenas copiar e tentar responder depois com a ajuda de alguma videoaula da internet, mas achei que isso era um absurdo e que eu precisava contestar. Foi esse o meu erro – diz Isa, visivelmente arrependida, e continua:

“Eu me levantei, perguntei à professora se poderia fazer uma pergunta, e ela imediatamente disse que não; que era para fazer a atividade sozinha, consultando o livro.

----- ^ p.09 v

“De pronto, perguntei o que era aquilo, se eu não tinha nem o direito de fazer uma pergunta e se ela não ficava envergonhada por todos os dias entrar naquela sala, mas não dar aula.

“Ela ficou indignada com o que ouviu e me perguntou se eu tinha enlouquecido, o que é que ela fazia todos os dias aqui. Disse que não falta, não atrasa, não fica de conversinha como outras professoras. Ainda me chamou de

petulante.

“Eu falei que é sempre a mesma coisa, que ela manda a gente fazer as atividades do livro, no dia seguinte anota quem fez e depois escreve as respostas no quadro. Desde quando isso é ensinar? Perguntei para ela se ela pensava que a gente não via que aquilo era um faz de conta e disse que ninguém aprende nada assim. Ainda falei, sobre as conversas que ela estava insinuando, que elas são importantes para que a gente tenha professoras que se importam com os alunos além dos conteúdos, das tarefas e das provas.

“Nessa hora, para minha surpresa, parte da turma se virou contra mim. Uma das meninas disse que aprendia, sim, com aquela forma de ensinar e que eu não poderia falar pela sala toda. Dois ou três colegas concordaram.

“Só depois que eu saí da sala que um dos colegas me contou que boa parte deles copia as respostas de um livro do professor, que é todo respondido. É da irmã mais velha de um aluno que também é professora. Assim, todos eles tiram notas boas, mesmo não tendo aprendido nada. E, portanto, meu protesto poderia acabar com o esquema deles.

“Se sentindo fortalecida, a professora rebateu com fúria à minha contestação e me perguntou quem eu achava que era para questionar os métodos de trabalho dela. Disse que eu me acho grande coisa, mas que não sei de nada. Que ela é professora há mais de 25 anos para agora uma pirralha que veio ‘lá do fim do mundo’ querer ensiná-la a trabalhar. Justo eu, que ‘não dou certo com ninguém, que sou despreziosa e arrogante e acho que sei alguma coisa porque li meia dúzia de livros’.

“Dava para ouvir os gritos dela a distância, e a expressão dela era de puro desprezo. Ela aumentou mais ainda o tom de voz e me mandou ir para a diretoria. Disse que já era o suficiente de bate-boca inútil na aula dela.

“Eu saí no mesmo instante e fui para a sala da Noeli. Estava destroçada. Aquelas palavras foram pessoais demais. Ela não tinha o direito de falar daquela forma comigo.

“Foi com esses sentimentos que comecei a falar com a diretora. Ela me interrompeu e disse que iria falar primeiro com a professora, que era para eu esperar ali. Ela saiu da sala e demorou pelo menos meia hora. Quando retornou, disse que não precisava ouvir minha versão. E que ia tomar providências para que eu fosse transferida de escola. Não pude falar nada. Eu saí da sala e logo bateu o sinal do recreio. Em seguida, você me encontrou.”

Fico absolutamente chocado com o relato que Isa acaba de contar. Só consigo responder:

----- ^ p.10 v

– Tudo isso é tão absurdo! – Balanço a cabeça. – Que tipo de escola é essa em que um estudante é punido por querer um ensino melhor? Ninguém te ouviu e a diretora já quer te expulsar. Está tudo errado, Isa. Vou te ajudar a enfrentar essa loucura.

– Não deveríamos estar aqui, Jorge. Se te pegarem fora da sala de aula, ainda mais comigo, vai dar merda pra você.

– Não me importo. Com quem podemos conversar aqui no colégio? Tem alguém que te escutaria?

– Sim, a professora Ediane, de Geografia. Ela sempre ouve a gente, dá conselhos sobre a vida, se importa de verdade. Mas não sei se ela vai poder fazer algo – diz Isa em um misto de esperança e angústia.

– Bora tentar falar com ela agora. Você a viu na escola hoje?

– Vi, sim. Ela me deu a primeira aula.

• • •

Quando chego à sala dos professores, me dizem que a professora Ediane está na sala da diretora Noeli. Ao me dirigir para lá, encontro a Geovanna na porta.

– Oi, Geo. Você viu se a professora Ediane ainda está aí na diretoria? – Só depois noto que falar com ela dessa forma soa uma intimidade forçada. Nunca sei como lidar com pessoas novas.

– Oi, Jorge. Ela ainda está aí dentro. Quando eu soube o que aconteceu com a Isa, fui logo atrás dela. A Ediane é a única dessa escola que fica do nosso lado, que nos defende. Onde a Isa está? Fui até a sala da Ediane depois do recreio, mas não a encontrei.

Percebo que demorei para agir. A Geovanna é, sim, amiga de verdade da Isa. Ela está na porta feito um cão de guarda; braços cruzados, postura de combate mesmo. Só me resta me juntar a ela e buscar reparar essas injustiças absurdas.

– A Isa estava comigo na quadra. Estava me contando o que houve. Chorou muito. Tentei acalmá-la.

– Hum... na quadra – fala Geovanna com um tom malicioso que deixa meu rosto quente e provavelmente vermelho como um pimentão. – E agora? Onde ela está?

– Não é nada disso que você está pensando – falo meio que gaguejando. Em um tom mais sério e preocupado, digo:
– Ela voltou para a sala de aula, para evitar problemas maiores.

Quando termino de falar, ouço lá fora, no portão, uma pessoa falando alto com a funcionária do lado de dentro. Ignoro, pois a minha preocupação é intervir em favor da Isa junto à professora e à diretora. Mas a voz masculina lá fora aumenta de tom, assim como a da funcionária. Logo percebo que é o padrasto de Isa, que está ali por ter sido chamado pela diretora.

Me aproximo do portão e percebo que a funcionária não quer abrir a porta, pois a Noeli está em reunião e não pode confirmar se ele realmente foi convocado. Sem pensar, me dirijo à funcionária e questiono de forma impulsiva:

– No dia que vim à escola com a minha mãe, você não perguntou nada. Nos deixou entrar e ainda nos colocou na sala da diretora. Por que o rapaz não tem o mesmo tratamento?

----- ^ p.11

Está nítida a diferença na recepção.

Eu e minha mãe: brancos, bem-vestidos, em um carro caro. O padrasto da Isa: negro, de bermudão, chinelo e camiseta surrada, em uma moto velha. Me pergunto naquele instante: se eu não tivesse vindo para cá, quando é que saberia que sou tão privilegiado?

A funcionária pergunta se eu o conheço. Eu minto e digo que sim. No mesmo instante, ela abre a porta. Mesmo nitidamente nervoso com a situação, ele aperta a minha mão e agradece. Me apresento como amigo da Isa, e ele, como seu pai, o Vilson. Ficamos, então, os três – eu, ele e a Geovanna – na porta da diretoria, esperando para falar com a Noeli. Nesse momento, fico contente por ter conhecido o padrasto da Isa, mas também um pouco nervoso. Conto a ele rapidamente o que aconteceu e ele se mostra indignado, mas noto também que não tem muitos argumentos com os quais lidar com a diretora. Decido, então, que não vou arredar pé até me fazer ser ouvido. Mesmo que precise me valer do privilégio que tenho em relação aos meus colegas.

• • •

Só consigo falar com a Isa à noite. O Dog Mc, que eu não conheço pessoalmente, já reage à minha Figura quando faço chamada de vídeo com a Isa. Cachorrinho fofo. Pena que nem sempre conseguimos nos comunicar dessa forma, pois

a internet dela é bem ruim.



Isa está bem mais calma. Mas seu rosto está triste. Como se estivesse magoada, ferida. Aquela expressão acaba comigo. Nesse momento, percebo que meus sentimentos por ela são mais do que atração física. Como eu gosto dessa garota! Nunca conheci alguém com tantas qualidades.

Explico como foi a reunião com a Noeli e a professora Ediane. Fiquei impressionado com o conhecimento sobre educação que ela tem. A professora explicou com muita aptidão que a escola precisa de uma gestão democrática;

que esse é um dos princípios da educação e que está previsto tanto na Constituição Federal quanto na Lei da Educação. Eu não sabia bem qual era, mas fiquei curioso e pesquisei sobre o assunto assim que cheguei em casa.

O padrasto da Isa foi recebido em seguida, e a Noeli mudou totalmente o discurso depois da conversa com a professora Ediane, que explicou para ele que a Isa não teve nenhuma oportunidade de ser ouvida e que, por isso, não poderia ser tomada nenhuma decisão. Eu acompanhei essa parte da reunião quieto.

De início, a Noeli não queria receber nem a mim, nem à Geovanna; mas, depois dos argumentos da professora Ediane, pudemos participar. Quando chamaram a Isa, pediram que eu e a Geovanna voltássemos à sala de aula. Mas a Geovanna disse que então deveria chamar algum aluno imparcial da sala da Isa para explicar o que realmente tinha acontecido. A diretora disse que faria isso depois, mas insistiu que naquele momento deveríamos sair.

Eu sei que não fiz muito, disse apenas que o que estava acontecendo não era justo e que a Isa deveria ter o direito de ser ouvida. No entanto, depois das pesquisas sobre as leis da educação pública, tive uma ideia que pode fazer não só a Isa ter mais voz e vez na escola, mas todos os estudantes do Barão de Cotegipe. Não sei se a Isa vai gostar da proposta, já que ainda está muito chateada com tudo o que aconteceu.

Ainda sobre o ocorrido na escola, infelizmente Isa levou outra advertência. No papel, consta que a aluna Isaltina Alice Martins se descontrolou emocionalmente, alterou a voz com a professora e, embora tenha o direito de colocar seus argumentos e posicionamentos sobre as aulas e a escola, a estudante utilizou palavras que a professora considerou desrespeitosas.

Isa fica muito chateada, porque a professora foi muito mais agressiva nas palavras usadas, além de ela, sim, ter gritado no meio da discussão. Mas isso foi desconsiderado. Ao menos não houve transferência nem expulsão. Nem sei dizer o que eu faria se ela saísse da escola. Estar com ela é o que tem sido minha base. E aquele abraço? Queria que tivesse durado horas. Eu tinha sentido a pele do seu rosto, a maciez do seu cabelo, o perfume da sua pele. Sei que foi um abraço de amparo, afeto e segurança; como um ninho que protege o pássaro ferido. Ao menos, eu senti assim.

• • •

À tarde, dou um pulo na escola com meu carro mesmo. Se minha mãe sonhar, ela surta. Tenho um reforço de matemática, mas não vou lá para isso. Esse é só o pretexto.

A Noeli não está lá. Ainda bem. Peço na secretaria para ver o Regimento Interno e o Projeto Político Pedagógico. Digo que é para um trabalho de Sociologia. Demoram para achar, mas me emprestam. O Regimento tem as normas da escola e os deveres e direitos de alunos e funcionários. Já o PPP, como é conhecido esse segundo documento consultado, é uma espécie de guia sobre como deve ser o modo de ensinar e de administrar a escola. Pelo que li, ele precisa ser elaborado com a participação de todos os membros da comunidade escolar, incluindo os estudantes.

Lá está prevista a possibilidade de criar um Grêmio Estudantil. É um jeito de os alunos se organizarem. Para isso, escolhem alguns colegas para representar todos os estudantes daquela escola de forma livre e autônoma. Penso mesmo que, se criássemos um Grêmio, poderíamos nos reunir para saber o que a galera acha do colégio. Seria uma forma oficial de dar voz e /participação nas decisões aos estudantes; tão silenciados que a diretora teria expulsado uma aluna sem nem sequer ouvi-la, apenas com o relato de uma professora.

• • •

– E como é que a gente faz isso? – pergunta Isa, meio que desconfiada.

– Precisamos, primeiro, convidar mais colegas, dos três turnos. Aí a gente comunica à direção, depois divulga a proposta entre o pessoal e convida quem tem interesse em participar do grupo de representantes para formar a Comissão Pré-Grêmio. Aí essa galera elabora uma proposta de estatuto, que vai ser discutida e aprovada pela Assembleia Geral, na qual todos os estudantes podem e devem participar e votar.

– E se a diretora não aceitar?

Eu já esperava essa pergunta vinda da Isa, já que ela sabe bem como é a Noeli. Mas também já sei a resposta.

– Ela tem de aceitar. Tá previsto nos documentos da escola. Li tudo hoje à tarde, como te disse.

– Bora! Vou chamar a Geovanna e os colegas do skate e hip-hop que são meus amigos.

A gente sempre se falava. Mas agora ela tá muito sem tempo. É coisa demais: o negócio lá do curso, a escola, a casa e o trabalho nos finais de semana. Sei de tudo isso. Mas, depois que a Isa conheceu o burguesinho metido a herói, ela ficou com menos tempo pra mim.

• • •

A gente se conhece desde que ela veio lá de Senador La Rocque, cidadezinha do Maranhão, com a mãe viúva e as duas irmãs. Isa cuidou das duas até elas se tornarem adolescentes. A mãe fazia as faxinas no DeltaVille enquanto ela cuidava lá das meninas, levava e trazia da escola, fazia janta, arrumava a casa e ajudava nas tarefas. Mas comigo ela é só uma garota da minha idade. A gente ri demais. Muita zoeira.

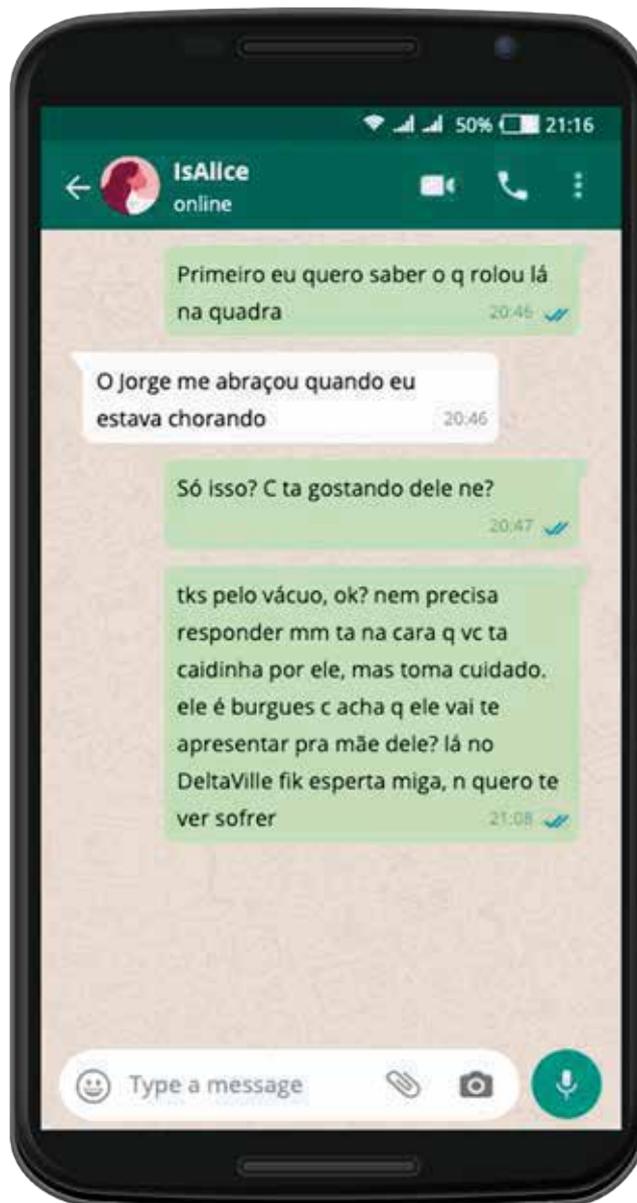
Depois que viemos para o Barão, muita coisa mudou. Comecei a namorar o Dan, e ela começou a sofrer na mão de alguns professores e da direção e coordenação do colégio. Chegou a pedir à mãe para mudar de escola. Mas ela teria de ir de ônibus todos os dias para o outro colégio mais próximo, e a mãe disse que não tinha como bancar as passagens.

Até o nono ano, lá na nossa antiga escola, a Isa era nota dez em língua portuguesa. Escrevia textos maravilhosos, e um deles foi roteiro de uma peça de teatro que a gente encenou. Foi legal, nos divertíamos muito.

A professora de português amava quando ela participava argumentando e até mesmo quando falava sobre os livros que já leu. Aliás, a professora Tina sempre emprestava livros para ela, que também era assídua frequentadora da biblioteca, sempre pegando livros. A Isa ama a leitura e tem muita habilidade para a escrita. Tenho vários textos perfeitos que ela escreveu.

Essa professora de português, a do Barão, matou toda essa paixão que a Isa tinha. Depois disso, ela mudou muito como estudante. Perdeu a motivação. Sinto saudades da minha Isa do sexto ao nono ano. Mas acho que também mudei.

• • •



Na noite da advertência, tento falar com ela várias vezes. Mas não dá bom. Quero saber de tudo. Logo ela vem com a história de formar um Grêmio Estudantil no colégio, que foi ideia do Jorge, e que é também para agitar os moleques do skate e a galera do hip-hop.

Ela não fala sobre o Dan. Será que até hoje ela não tá a fim dele? Sempre achei que ela dava doce por ciúme. Nunca foi com a cara dele. Eu ignorava e achava uma bobagem. Nunca dei moral para isso. Mas agora que ela tá superocupada com o Jorge e que eu não estou recebendo atenção dela como antes, acho mesmo que começo a entender o que ela sente.

O Dan já me falou que no colégio que o irmão dele estudou tinha um Grêmio. Escola legal. O diretor fazia reuniões, ouvia os estudantes. Eles davam sugestões, faziam críticas. Depois votavam as propostas, e todo mundo ajudava a realizar as ações. O irmão dele até foi presidente do Grêmio em um ano.

Isa não responde. Vou falar com ela no recreio. Isso se ela não estiver ocupada com o Jorge, como sempre... Depois que mando a última mensagem, meio que me arrependo. Fui meio grossa. Mas não mudaria nada do conteúdo, apenas o jeito de falar.

O carinho vai terminar o ano no Barão e nunca mais vai pisar nesse lado da cidade. Provavelmente vai fazer facul em uma universidade paga e lá vai chegar numa garota rica – essa, sim, ele vai apresentar aos pais. Um cara assim não quer nada sério com uma mina como a Isa. Quer se aproveitar, usar. Esse tipo de romance só existe em novela; na vida real, é pobre com pobre e rico com rico.

Dá muito mais gente na reunião do que eu pensava que viria. Até a galera do noturno aparece – uns três ou quatro – e do primeiro ano também; povo que estudou com a gente na outra escola. Quem deixa a gente se reunir é a coordenadora. A Noeli está fazendo um curso noutra cidade essa semana. Quando chegar, ela vai ter um troço.

Montamos o grupo, e a assembleia é um arraso. Grêmio Estudantil Paulo Freire é o nome que a professora Ediane dá, a única a participar, embora a gente tenha convidado todos os professores da escola. Gostamos do nome, mas só depois de ela explicar quem é a pessoa homenageada.

– Paulo Freire foi um educador popular. Ele pensou a educação de forma que diálogo entre professor e aluno fosse a principal premissa. Defendia um processo educativo cuja finalidade era a construção do estudante como um aprendiz ativo nesse processo. Sua crítica se dirigiu aos métodos de ensino em que o professor era tido como o detentor de todo o conhecimento, e o aluno apenas um “depositório”, o que ele denominava de “educação bancária” – explica a professora.

Neste momento, o Jorge pede a palavra e acrescenta:

– Ele e sua proposta para a educação foram e são estudados no mundo inteiro. Ele recebeu vários prêmios importantes e é reconhecido internacionalmente. Também recebeu mais de quarenta títulos de doutor *honoris causa* em universidades no Brasil e em vários países dos cinco continentes.

Nesse momento, o Maycon, do noturno, pergunta:

– O que é esse título aí de doutor *honoris* não sei o quê?

A professora Ediane explica:

– Doutor *honoris causa* vem do latim. Quer dizer algo como “por causa de honra”. É o grau mais importante concedido por uma instituição de ensino. É dado a quem se destaca muito mesmo por sua contribuição à cultura, à educação ou à humanidade – explica a professora com aquele sorriso de sempre no rosto. E completa: – Mas o que interessa mesmo da extensa obra do Paulo Freire é que ele defende que o estudante é quem deve ser o protagonista, ou seja, o mais importante do processo educativo. Ele entende a educação como forma de as pessoas se tornarem autônomas e terem consciência de sua situação de oprimidas para, assim, serem capazes de se libertar. Na verdade, ele pensa que a escola e a educação como um todo devem contribuir para a formação de um indivíduo crítico, que não vai aceitar as imposições dos donos do poder sem lutar nem resistir.

Assim que ela termina de falar, fico emocionada. Como é que uma pessoa tão importante pensou em nós, estudantes de escola pública, de um jeito tão diferente do que é na real. Vou ver mais sobre isso. Sinto também que os colegas estão encantados com esse pensador.

Em seguida, fazemos a votação pro nome, e o pessoal todo bota fé. Assim fundamos o Grêmio Estudantil Paulo Freire. E já começamos a discutir quais serão nossas pautas principais de discussão e de reivindicação.

No meio da conversa, alguém grita:

– Quero papel higiênico!

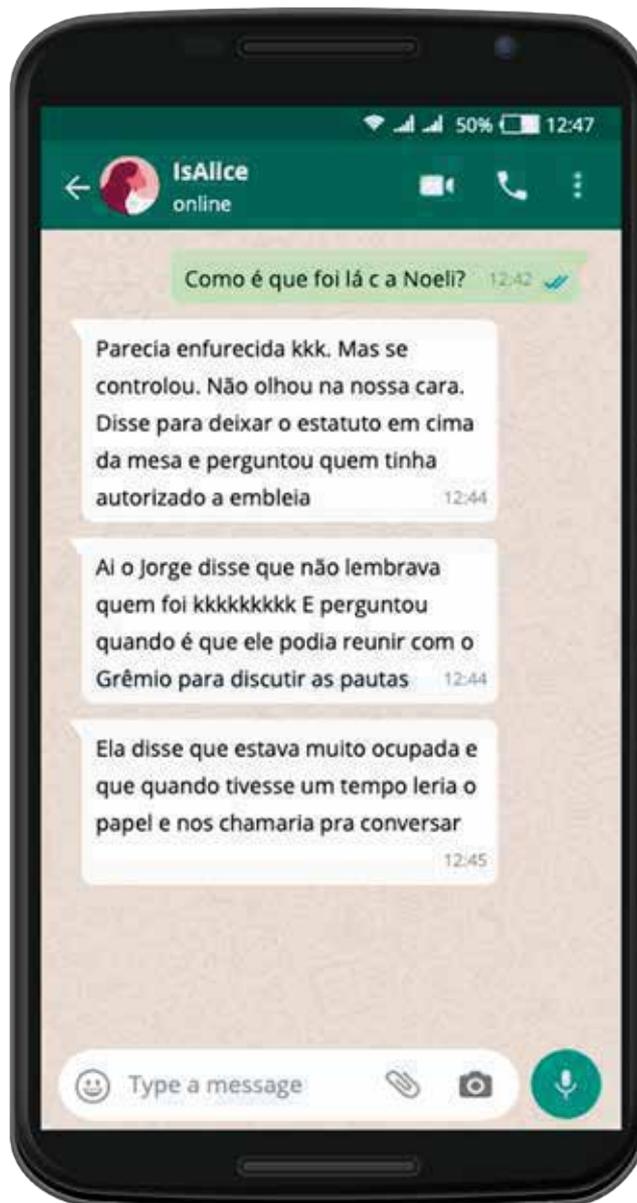
Geral ri muito.

Mas aí fico pensando... Olha só, que coisa: a gente não tem direito ao básico. No banheiro feminino, só tem um vaso que presta. Os outros três estão interditados. E esse sanitário não tem trinco na porta. Então, enquanto a gente usa, precisa ficar segurando a porta para que outra pessoa não abra e veja a gente fazendo “as coisas”. Lá não tem espelho nem sabonete para lavar as mãos. Os cestos de papel não são lavados e, portanto, têm sempre um cheiro horrível.

Como o guri disse, quando a gente precisa usar o banheiro, tem de ir à secretaria da escola e falar para todo mundo que estiver lá ouvir que a gente quer o papel higiênico. Tem gente que conta que eles demoram para entregar porque muitas vezes estão atendendo outros alunos ou pessoas. Agora imagina se é uma “emergência”? Putz! Eu nunca fui. Não tenho coragem. Já fugi da escola pulando o muro quando menstruei e sujei a calça. Amarrei o moletom na cintura e fui para casa. Ninguém da escola soube, mas foi bem chato.

E por falar em banheiro, a Isa essa semana recebeu uns recados lá na porta interna do único sanitário que está funcionando direito. Alguma menina pichou um monte de ofensas para a Isa. Coisa violenta, pesada mesmo. Ela ficou super chateada. As funcionárias da limpeza da escola, que são amigas da Isa, esfregaram durante dias para tirar os xingamentos, mas quem fez, pichou de novo dois dias depois. Todas as portas dos sanitários estavam pichadas com muitos palavrões e ofensas sobre a Isa.

Fiquei bem impressionada com o Jorge na reunião. O cara é muito crânio. Parece que ele sabe de tudo. E conversa de um jeito muito diferente do pessoal lá da escola. Ele quem sugere as pautas de discussão e reivindicação. Explica cada uma delas. Nesse momento, quase de surpresa, me pergunto: se o cara é o maior gênio, ele não estava correndo o risco de reprovação na outra escola. Então que raios esse moleque rico, burguês, veio fazer nos últimos meses do ano aqui no Barão, escola de perifa braba? Buguei total.



Entregamos também uma lista com o que queremos, que também é enviada para todos os grupos de alunos da escola.

• • •

– A galera topou. Vamos fazer hoje no último horário. Cada representante em sua sala vai conversar com sua turma. Já sabe que na sua é você, né? – diz a Isa, num misto de nervosismo e entusiasmo.

– Claro que vou falar. Ela acha que vai ficar enrolando a gente e que vamos ficar parados. Noeli é inteligente, sabe que esse tipo de movimento, quando contrariado diretamente, pode nos ferrar.

– É isso, Geo. Você entendeu direitinho. Mas nós não vamos ficar quietos. Já tem quase um mês essa enrolação. Tentamos umas dez vezes marcar com ela, entregamos as pautas de debate e reivindicação, e toda vez ela diz que vai nos chamar, mas até agora nada. Sempre arranja uma desculpa. Hoje quero ver não tomar uma atitude.

Nesse momento, bate o sinal do fim do recreio.

• • •

– O que está acontecendo aqui? Levantem logo daí e liberem a saída para as pessoas. Vocês enlouqueceram? – diz Noeli, corada de raiva.

Somos mais ou menos oitenta estudantes sentados no chão, de frente para o portão. Ninguém consegue entrar nem sair. Que cena fantástica. Todo mundo quieto, em silêncio. Dá para ver na expressão da maioria que estão com muito medo. Mas também é visível a expressão de orgulho por estarem fazendo algo necessário e importante.

– A gente só sai daqui se formos atendidos agora. A criação do Grêmio é coisa séria, temos o direito de ser ouvidos. Tem muita coisa na escola que precisa ser discutida, e nós queremos dialogar sem termos nossas reivindicações ignoradas ou desconsideradas – diz o Jorge, sem se levantar do chão.

– É hora de almoço, não vou falar com ninguém. E ainda vou chamar os pais de vocês. Isso é um imenso desrespeito às normas disciplinares. Vocês serão punidos severamente – ameaça Noeli, nitidamente irreduzível.

– Normas disciplinares? Onde está escrito que não podemos ficar sentados no chão do colégio? No regimento, não é, pois temos uma cópia e o estudamos bem para promover essa mobilização – diz a Isa, demonstrando bastante confiança.

Nesse momento, acho que a Noeli se ferrou feio. Aquele protesto não viola nenhuma norma. Nada é depredado, não tem violência, ninguém é ofendido. Só queremos ser ouvidos, considerados. Ela também deve ter entendido que chamar oitenta pais e dar oitenta advertências ou suspensões não ia ajudar.

– A galera do vespertino já começou a chegar. E a gente trouxe lanche – diz o Samuel, segurando no alto um pão com mortadela.

Aí a galera não aguenta e cai na risada.

Nesse momento, parece que a Noeli vai explodir de tanto ódio. Mas ela é a mestra do autocontrole.

– O.k., façam uma comissão de umas três ou quatro pessoas e eu as recebo na minha sala – diz Noeli, vencida, mas se sentindo no controle da situação.

– Não. Na direção, não. Na quadra ou no pátio. Para caber todos que queiram participar da conversa – diz Tiago, o representante do 3º D.

– Aqui no pátio, não dá certo. Daqui a pouco chegam os estudantes do vespertino – fala Noeli, tentando negociar.

– Na quadra, então – insiste Tiago.

– Os estudantes da tarde terão aula de Educação Física daqui a pouco. Estou oferecendo para conversarmos na minha sala – diz Noeli, já alterando a voz.

– Pede ao professor para dar aula teórica na sala de aula. Queremos ir para a quadra – falo em tom baixo, mas com firmeza.

Assim que fecho a boca, escutamos o barulho das viaturas da polícia chegando. Eles tentam abrir o portão, mas ele está trancado por dentro. Ficam batendo e pedindo para abriremos.

– Você chamou a polícia para nós? – grita a Isa, indignada.

– Peguem os celulares e comecem a gravar. Não vamos sair daqui – grita, em seguida, um dos colegas.

Imediatamente, quase todos pegam seus celulares e começam a gravar. Pela fresta do portão, os policiais nos veem sentados e começam a dar ordens.

– Levantem daí agora. Aqui é a polícia.

– Nós estamos aqui dentro, Noeli. Estamos sob a sua responsabilidade, você é a gestora da escola. Essa é a maneira de tratar estudantes que querem diálogo? Você vai deixar a polícia arrebentar o portão? O que eles vão fazer com a gente? Está todo mundo gravando – fala Jorge, com segurança.

A cara da Noeli muda completamente. Ela está apavorada. Grita para os policiais esperarem, dizendo que nós já vamos sair.

– Certo, vamos para a quadra – diz ela, vencida.

Assim que nos levantamos, Noeli nos pede para destrancar o cadeado e abrir o portão. Visivelmente constrangida, ela conversa com os policiais, explica que já conseguiu resolver a situação e agradece por eles terem respondido ao chamado da escola.

Chateados com a perda de tempo, os policiais dizem que aquele tipo de acontecimento não é ocorrência policial; que a diretora deve resolver isso internamente, sem acionar a polícia, pois eles têm muitos chamados para atender.

Mais uma vez, Noeli pede desculpas, mas os quatro agentes não esperam que ela termine e vão embora. Ainda na porta, ela avista alguns alunos do vespertino já chegando para as aulas. Em seguida, ela se dirige à quadra do colégio, logo atrás dos estudantes do protesto.

• • •

Isa me chama para trabalhar com ela, no sábado, em uma festa infantil. Ela fica no algodão-doce, e eu, servindo as mesas. Fico assustada com a quantidade de salgadinhos que as pessoas comem em uma festa, mas o que me impressiona mesmo é o tamanho da casa dos pais da criança.

Na parte externa, onde estão recebendo os convidados, deve ter umas cem pessoas, sendo umas quarenta delas crianças, e não está apertado. Somos umas dez apenas servindo as mesas bem espalhadas. Que contraste com a nossa realidade.

Segundo a Isa, esse trampo é comum, e a maioria acontece ali mesmo, nas mansões do DeltaVille, que é um condomínio de casas do outro lado da rodovia. Bem perto das nossas casas, mas ao mesmo tempo “tão distante”.

Na minha rua e na da Isa, ainda não tem asfalto. Na casa dela, a mãe e o Vilson, o padrasto, ainda não conseguiram cimentar o lote. Só tem a casa mesmo, do jeito que eles receberam quando as moradias do conjunto foram sorteadas, com exceção do muro, que eles conseguiram levantar em todo o lote, mesmo sem a colaboração dos vizinhos do fundo.

A Isa ficou supercontente quando eles terminaram a obra. Agora, com o muro e o portão, o Dog Mc fica seguro dentro de casa. Acho que ela gosta mais daquele vira-lata do que de mim. Ela cuida muito bem dele. As redes sociais dela estão lotadas de foto do doguinho. Pena que só com o bichinho ela tem um bom relacionamento naquela casa.

As irmãs, de treze e quatorze anos, não são mais crianças, e Isa ainda acha que pode mandar nelas. Aí vira sempre confusão. Já com a mãe, apesar do amor que tem por ela, não tem dado certo; a Isa está em uma fase muito questionadora, e a mãe não está sabendo lidar com esse período complicado. Além disso, tem uma treta com a qual a Isa não consegue se conformar: a mãe disse que vai ter outro filho.

O Vilson é um ótimo padrasto pras meninas e pra Isa. Mas ele quer ter um filho com a Maísa, mãe delas. Elas sempre discutem sobre isso. Acho que a Isa tem ciúme. Vive dizendo que a mãe não tem mais idade para ter outro filho, mas ela só tem trinta anos.

• • •

Enquanto rola a festa, a gente não para um minuto. Nem temos tempo de conversar sobre as coisas que tão acontecendo. Fico pensando: se o Jorge aparecer ali, vendo a gente trabalhar com aquele uniforme ridículo, como a Isa vai reagir? Aliás, nem sei como andam as coisas entre eles; se já rolou “alguma coisa” mais próxima fisicamente entre os dois além dos carinhos que já os vi trocando. Ele sempre passa a mão no cabelo dela, fazendo de conta que está arrumando um cachinho. Também sempre segura a mão dela e faz carinho. Mas nunca vi a Isa fazer algo parecido com ele.

Será que ela deixaria de me contar se eles “tivessem ficado”? Fico um pouco chateada quando penso na possibilidade. Mas depois me lembro daquela mensagem que eu mandei para ela, dizendo que o cara só queria se aproveitar. Aí pode ser que eles estejam juntos e ela tenha ficado com medo de me contar.

Eu e a Isa passamos um período bem afastadas. Com os rolês na escola sobre o Grêmio e as tretas decorrentes desse assunto, nos reaproximamos bastante, mas com um jeito diferente de nos relacionarmos. A maneira como ela sempre lidou com o meu namoro com o Dan e agora ela essa relação dela com o Jorge também me fizeram dizer coisas que provavelmente ela também não gostou muito de escutar.

Eu gosto demais dela. Acho a Isa tão inteligente, com ideias tão legais! Ela escreve tão bem, é uma devoradora de livros e tem muitas qualidades, mas sinto falta de quando a gente confidenciava uma à outra quase tudo.

Na época que estudávamos na outra escola, ela me contou que detesta o nome “Isaltina” e que até hoje não entende bem por que a mãe colocou nela o nome de sua avó. A zoeira dos colegas por causa disso sempre a incomodaram e, sabendo disso, a coordenação, a Noeli e a “bendita” professora de português só a chamam de Isaltina, como uma forma de deixá-la constrangida.

Na época, também, ela me revelou por que está sempre de camisetonas ou com aquele moletom gigante o tempo inteiro. Ela é insegura em relação ao próprio corpo. Não entendo bem o porquê.

Eu que sou bem gordinha e “me acho”. Estou sempre com roupas coladas, e o Dan gosta justamente disso em mim. Já ela, tão linda, tem seios fartos, um quadril largo, cintura fininha, mas acha que chama demais a atenção. Vai entender, né?

O jeito é respeitar e mostrar para ela que ela é bonita independentemente de sua visão distorcida sobre si mesma.

Não sei como ela tá lidando com isso, agora que parece que está de romance com o Jorge. Ele é um cara gato demais. Alto, cabelos lisos, bem branquinho e meio ruivo. Faz um contraste bonito com a Isa, que tem a pele bem chocolate ao leite e cabelos pretos bem cacheadinhos e longos. Não sei se já são, mas ao menos seriam um casal bonito.

Só que isso me faz pensar sobre o que os pais do Jorge achariam de uma namorada como ela, com esse visual. Talvez seja preconceito meu, mas eu vejo como as pessoas daquela festa nos olham. Ou, pior ainda, não olham. Me sinto

meio invisível, como se enxergassem apenas o meu uniforme e a bandeja que eu seguro. Será que estou paranoica?

• • •

A festa acaba cedo, por volta das onze da noite. Estamos mortas de cansaço. Eles nos pagam assim que entramos na van. É uma grana boa, mas não sei se conseguiria trabalhar sexta, sábado e domingo como muitas vezes a Isa faz. Ela está juntando uma grana para comprar um computador.

Nem sei o que vou fazer com o meu pagamento. Talvez eu dê um pouco para a minha mãe. Ela está precisando levar a minha irmã ao oftalmologista. Lá no postinho, não tem, então precisa esperar abrir vaga no hospital.

Ela sente dor de cabeça quando está na escola. A professora dela – aquela legal, que empresta os livros para a Isa – conversou com a minha mãe e disse que pode ser que ela tenha dificuldade para enxergar, por isso a cabeça dói.

A Isa chega primeiro em casa, mas já na van ela estava conversando com o Jorge. Ela fica sorrindo o tempo todo quando fala com ele. Ele também parece estar a fim. Eles têm chegado mais cedo no colégio para se verem antes da aula. Eu e o Dan começamos do mesmo jeito. Mas, como ele trabalha na oficina do tio, está sempre muito cansado e não consegue acordar cedo. Aliás, ele tem se atrasado com frequência e agora falta pelo menos uma vez quase toda semana. Lá ele não ganha muito, mas já dá para comprar roupas e pagar a parcela do celular. Claro, também dá para pagar uns lanches legais quando a gente sai juntos. Ele também tem ajudado um pouco nas despesas de casa.

A mãe dele é sozinha para cuidar dos três filhos. Já trabalhou com faxina lá no DeltaVille, como a mãe da Isa, mas agora está trabalhando como manicure em um salão no centro da cidade.

E eu? O que será que vou ter como profissão. Ninguém na minha família, nem na família do Dan, nem na da Isa fez faculdade. Quero muito ter uma profissão melhor, mas nem sei por onde começar. Não gostaria de passar pelo que as nossas mães passam para criar os filhos. Aliás, nem penso em ter filhos. O Dan brinca que quer ter um time de futebol. Comigo, não será. Disso, eu tenho certeza.

Lá em casa, somos só nós três: eu, minha mãe e minha irmã. E já é bem difícil sendo só nós três. Sorte a minha é que minha mãe, mesmo com muita dificuldade, não deixa faltar nada para a gente. Nem coisas materiais, nem afeto, nem diálogo.

Logo que comecei a namorar firme com o Dan, ela me chamou e falou sobre tudo – intimidade, gravidez e sentimentos – e me escutou sem me julgar. Disse que não era para esconder nada dela e que, se precisasse de algo, para me proteger; que bastava falar com ela, que não me criticaria e me daria o apoio necessário. Sorte a minha, pois nem todas mães e pais são assim com seus filhos adolescentes. Ainda não precisei, mas é bom demais saber que posso contar com ela.

Noeli me liga ainda no domingo para contar o ocorrido. O tom é de acusação. Quase como se dissesse que eu botei as latas de spray nas mãos dos alunos. Ela me manda as fotos e pergunta secamente se eu sei quem poderiam ter sido os autores.

Conta que o vizinho de frente da escola diz ter visto três pessoas pichando o muro por volta das nove da noite; que eram dois rapazes e uma garota com um moletom muitos números maior do que ela deveria vestir. Ela ter ressaltado essa característica me faz pensar que provavelmente acha que a Isa está envolvida. Depois de ver as fotos, tenho certeza de que o tom de acusação é por eu ter apoiado a iniciativa de criação do Grêmio.

Eu e a Noeli temos grandes divergências sobre como a escola deve ser gerida. A visão dela foca estritamente a manutenção das regras e a disciplina dos alunos. A sua marca é a hierarquia e a punição de atitudes e posicionamentos que firam o que ela entende que é a conduta de estudantes em uma instituição escolar. No entanto, desde que assumiu a gestão, há cinco anos, os conflitos e retaliações se multiplicaram.

A escola já foi pintada duas vezes desde o início da gestão. Mas é terminar de pintar que em poucos dias aparecem as pichações em toda a escola. Piscou, pixou de novo. Muitos desses registros são xingamentos destinados à gestora e aos professores, mas a maior parte é sobre as referências à identidade desses jovens, que é negada no diálogo e na participação da escola. Eles registram as torcidas que eles se identificam ou participam, seus nomes e apelidos, recados de paquera, referências a músicas, substâncias ilícitas, seus territórios, seus grupos de pertencimento, recados para seus afetos e desafetos e muito mais.

Embora a Noeli tenha feito uma breve reunião no dia do episódio do protesto na porta da escola, ela usou novamente da estratégia de ignorar as reivindicações dos estudantes. Mas eles não se calaram. Fizeram um apitajo na hora do recreio, com palavras de ordem ditas no coletivo. Seguraram cartazes pedindo para ser ouvidos. Entregaram documentos fazendo essa solicitação. Colaram cartazes nas paredes do colégio – que rapidamente foram retirados pelos coordenadores – e também entregaram panfletos para os estudantes e pais que foram à escola. No entanto, não obtiveram nenhuma resposta. Aliás, tiveram, sim, retorno.

Vários professores concordam com a postura autoritária da gestora Noeli. Ela não está sozinha neste posicionamento. E iniciou-se uma espécie de guerra velada entre esses professores e os estudantes. Especialmente, aos que participam mais ativamente dos atos de protesto.

A resposta foi uma perseguição aos alunos por meio do poder exercido pelos professores. Começaram a aplicar provas surpresa. O nível de dificuldade das avaliações cresceu absurdamente entre esses parceiros da gestão. As notas dos estudantes caíram vertiginosamente.

Os mesmos aliados da direção começaram a propor “tarefas de casa” em quantidade e dificuldade praticamente impossíveis de serem realizadas pelos estudantes.

O número das expulsões de sala e as advertências disciplinares por motivos banais também se tornaram recorrentes. Em retaliação, as pichações em paredes, portas e muros da escola também cresceram exponencialmente. Apareceu de

tudo: siglas de torcidas organizadas, facções criminosas e ofensas aos professores do lado da gestão e, também, é claro, à Noeli.

O clima da escola se tornou insuportável. Até as aulas de Educação Física, que os estudantes amam, passaram a ser exclusivamente teóricas. A perseguição alcançou até a qualidade e a quantidade da merenda. Lanches que os meninos detestam, como mingau e arroz doce, passaram a ser rotina. Há dias em que são servidas apenas três bolachas de água e sal com chá.

A acusação foi explícita. Ela me culpou de ser a responsável por incentivar as pichações. Mas fico aqui me perguntando: será que, se ela tivesse ouvido os estudantes e tentado abrir um canal de diálogo e participação em vez de promover uma guerra, os estudantes iriam responder com este tipo de protesto?

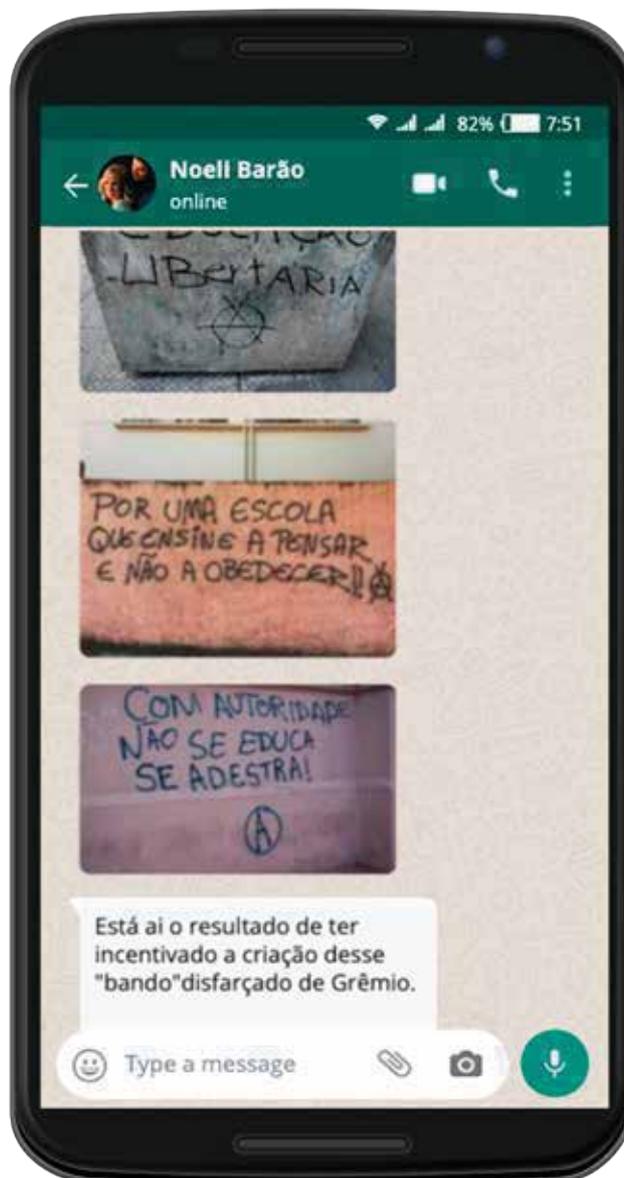
Entendo que eles se comunicaram por meio das pichações. Estão gritando por visibilidade. Uma escola que não dialoga com seus estudantes está implorando por reação. Eles são adolescentes, a escola tem apenas estudantes de Ensino Médio. Eles não são crianças; não querem ser subjugados, manipulados nem controlados.

Em resposta às mensagens, mandei apenas o print de um fragmento da Constituição Federal:

Constituição Federal - Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

Como esperado, ela não responde. Mas dou o meu recado.

• • •



Assim que chego ao Barão, não se fala em outra coisa. Os estudantes estão do lado de fora, em volta de uma das pichações. E, para minha surpresa, além da que está na caixa de cimento que serve de vaso para a árvore, a segunda delas está no muro interno do colégio.

Entramos nas salas, mas em poucos minutos o coordenador de corredor vem chamar para fora cada um dos professores a fim de avisar que teremos reunião depois do intervalo do recreio. Os estudantes serão dispensados. Nunca vi acontecer nada parecido nesses mais de cinco anos que a Noeli é gestora do Colégio Barão de Cotegipe. Sei bem o que me espera e estou preparada para isso.

Todos os professores do matutino que estão na escola participam da reunião. A secretária-geral e os coordenadores, também. Noeli inicia explicando a urgência da reunião em virtude dos acontecimentos de sábado à noite na escola. Destaca que, embora as pichações sejam um problema importante, a invasão no interior da escola é, na verdade, o ponto central.

Começa dizendo que, desde que os alunos foram influenciados e incentivados a criar o grêmio, as pichações das carteiras e paredes com pincel atômico, canetas e corretivo aumentaram absurdamente.

Ela explica que entende a escola como um espaço de hierarquia, autoridade e respeito. E que os protestos e agora o vandalismo desse grupo deve ser punidos severamente.

– Eu os reuni aqui porque preciso do apoio de vocês para chamar a polícia, visto que houve dois crimes: a pichação, que é crime ambiental previsto em lei, e também a invasão da escola. Já sabemos quem foram os autores, por dedução óbvia: o aluno novato do terceiro ano, Jorge Fantinni; a estudante do primeiro ano, Isaltina; e o aluno Maycon, do turno noturno. Eles chegaram de bicicleta, conforme relato do vizinho da frente, pularam o muro por volta das 21h de sábado, fizeram as pichações no interior da escola e, antes de irem embora, picharam o muro externo – relata Noeli, com tom de denúncia.

– Como você sabe que foram eles? – pergunta Tiago, o professor de filosofia.

– Pela descrição da garota, tivemos certeza de que é a Isaltina. O Jorge e o Maycon, com ela, são os que estão à frente dos protestos e das ações do bando, disfarçado de iniciativa de Grêmio Estudantil. Então é óbvio que foram eles.

– Noeli – insiste Tiago –, tem algo aí que não se encaixa. O Jorge tem carro e o Maycon tem moto. Por que eles viriam os três de bicicleta? Não é possível afirmar que eles são os autores apenas com base nas informações que você apresentou. Alguém os viu e reconheceu?

– Não, mas o vizinho disse que a garota usava um moletom azul-marinho bem maior que o tamanho da vândala. Quem se veste assim aqui na escola e têm vínculo com o grupo é a Isaltina. Os outros dois eram altos e magros e também usavam moletom com capuz. Chegamos à constatação óbvia de que seriam os dois. Eles podem ter vindo de bicicleta justamente para disfarçar. Foi assim que analisamos a situação.

– Você disse “analisamos”. Quem são as pessoas, além de você, que chegaram a essa conclusão? – digo em tom de pergunta, mas o que quero mesmo perguntar é como que ela pode fazer uma acusação dessas apenas com base na própria opinião.

– Para mim, está nítido que foram eles – diz Noeli, esquivando-se da pergunta. E continua: – Quero chamar os pais e pressionar pela transferência. Precisamos disso para voltar a ter o colégio em ordem. Dar uma punição exemplar a esse absurdo. É para isso que convoquei esta reunião. Elaborei um documento relatando tudo o que tem ocorrido no Barão de Cotegipe desde que começou esse disparate de criação de Grêmio até a data de invasão e pichação. E quero contar com todos vocês para assinar, juntamente à direção, exigindo que os responsáveis assinem a transferência.

– Eu não assino, Noeli – diz o Tiago, tirando as palavras da minha boca. – Não se pode provar que foram esses estudantes. E tem mais: pode ter sido qualquer um, pois o clima na escola está semelhante ao de um front de guerra. As pichações comunicam de forma mais agressiva o que eles têm pedido e protestado há semanas. Eles querem ter direito de participar dos debates e decisões da escola. E não há nada de errado nisso. Inclusive, quando a Elaine era diretora, a postura dela era completamente oposta.

– Então, professor Tiago, você está dizendo que o que está acontecendo no colégio e esses dois crimes ocorridos no sábado são minha culpa?

– Se ele não está dizendo, eu estou – digo, antes que ele tenha oportunidade de responder à questão, e prossigo: – A forma como você conduziu esse assunto foi extremamente autoritária. Até então, eles tentaram várias estratégias pacíficas e organizadas para que o Grêmio fosse oficializado e que constasse no regimento e projeto político pedagógico da escola como entidade representativa dos estudantes. Está previsto nos documentos a possibilidade de criação do Grêmio. Além disso, mesmo que não estivesse, a gestão democrática está prevista em lei.

– Essa cambada é um bando de baderneiros, isso, sim! – assevera D. Romilda, a professora de português. A mesma do problema com a Isa. – Têm mesmo que ser punidos. É assim que se lida com bandido.

– Não coloque essa fala na ata – diz apressadamente Noeli para a secretária-geral. – Agradeço o seu apoio, professora. É bom saber que posso contar com vocês.

– Aí também não, né, Noeli? Vamos ter que assinar uma ata de reunião falsa, omitindo e selecionando informações? Não me sinto confortável em assinar esse documento que você criou. Como o Tiago bem disse, tem coisa estranha aí. Você chamou os pais para perguntar se eles estavam em casa no sábado à noite? – perguntou Márcia, a professora de Arte.

– É claro que eles vão mentir. O colégio mais próximo fica em outro bairro, onde eles têm que ou levá-los ou pagar transporte. Além de terem que acordar mais cedo. Tudo isso pode ser resolvido aqui e agora. Eu chamo os pais e eles pegam a transferência.

– Antes disso, deveríamos discutir sobre o que o Tiago e a Ediane falaram: o clima da escola e as atitudes que foram tomadas para evitar que o grêmio se consolidasse – diz agora Laís, a professora de Biologia.

– Professora, agora estamos aqui para solucionar a situação dos criminosos que estão nesta escola. Além de terem invadido o colégio, também depredaram o patrimônio público. Podemos abrir essa discussão em outra oportunidade – diz Noeli com calma e esquivando-se novamente.

– Na verdade, você também está fugindo deste debate há pelo menos dois meses. As únicas atitudes que tomou foram para silenciar e retaliar o movimento legítimo dos estudantes. Concordo com a professora, o que está escrito nas pichações faz todo sentido. Esse tipo de manifestação já aparecia nas paredes da escola em várias pichações menores, e elas comunicam ideias semelhantes à dessas pichações maiores. A questão é que agora está lá fora, o que exigirá explicações. Expulsar esses três estudantes, que nem sabemos se são os autores, é só para silenciar o restante. Precisamos abrir espaço para o diálogo. Aqui não é um quartel, é um espaço de construção da cidadania, ou ao menos deveria ser – defende Tiago.

– Estou gerindo esta escola há mais de cinco anos e nunca tivemos esse tipo de ocorrência. Muitos professores aprovam o estilo da minha gestão. E a prova de que ela é democrática é que os que se opõem à proposta têm total liberdade para se manifestar, como o que está ocorrendo aqui. Não posso deixar essa situação sem uma providência. Respeito quem não quer ratificar o documento, mas é assim que eu agirei. Quem puder assinar, eu agradeço. Quem não quiser, não será obrigado. No mais, é esse o tema da reunião. Caso alguém queira se manifestar, fique à vontade. De minha parte, é isso – conclui Noeli.

– Eu só tenho uma pergunta: quando a gestão se reunirá com os estudantes a fim de realizar a consolidação do Grêmio e abrir um canal de diálogo e participação? – questiono.

– Dados os acontecimentos recentes, e no que estiver em meu poder, nunca. – Depois de uma grande pausa, conclui: – Muito obrigada pela participação de todos, o horário de trabalho está quase acabando. Solicito aos servidores com quem posso contar para a assinatura do documento que permaneçam na sala após a saída dos demais. – Em seguida, entrega o papel em mãos à secretária, que faz a ata e se retira da sala.

Nós estávamos em dezoito professores, dois coordenadores e a secretária-geral. E, para meu grande espanto, só ficam quatro professores e os dois coordenadores para assinar o papel. Os demais se dirigem ao exterior do colégio no mais absoluto silêncio.

É bom saber que não estou sozinha na visão sobre toda essa situação e que não só eu me oponho às atitudes da gestora Noeli. No entanto, fico muito pensativa. Somente a Laís, o Tiago, a Márcia e eu falamos abertamente sobre essa oposição. Os demais não concordam, mas não querem tomar partido. Sei que a Noeli é bem capaz de retaliar os que não compactuam com suas decisões e que isso pode ser um dos motivos; mas também penso que é uma maneira de não se desgastar e não sair da sua zona de conforto para se empenhar em favor de uma escola menos opressora, mais libertária e mais cidadã.

• • •

A Feira Cultural do colégio vai ocorrer nesta semana. Muitos estudantes fizeram trabalhos de ótima qualidade. Um deles diz respeito à história do Barão de Cotegipe, que foi homenageado no nome da nossa unidade de ensino. Os estudantes do 3º C ficaram responsáveis por essa pesquisa e vão fazer a apresentação utilizando cartazes e explicando aos visitantes do seu estande.

É um evento tradicional do colégio em que os estudantes se envolvem muito, pois eles são os produtores dos materiais e, especialmente, os construtores de seu próprio conhecimento, que será partilhado no dia da culminância do projeto.

----- ^ p.23 v

Alguns estudantes estão organizando um estande que tratará da prevenção da gravidez na adolescência. Estão sendo orientados pela professora Laís, da disciplina de Biologia. Apesar da orientação da direção para não abordar esse tema, pois poderia causar polêmica entre os pais, os estudantes resolveram desafiar o aviso e levarão vários métodos contraceptivos para explicar cada um deles aos estudantes que visitarão esse estande. Também haverá distribuição de preservativos masculinos e femininos.

Um dos momentos mais aguardados da Feira Cultural é o concurso de redação. Os três primeiros lugares ganharão medalhas e livros que foram comprados com uma vaquinha feita pelos professores. As três professoras de língua portuguesa são sempre as avaliadoras. Amanhã será o dia do evento, e saberemos quem são as vencedoras ou vencedores.

• • •

No dia seguinte à reunião, Noeli convocou os responsáveis dos três estudantes acusados pela gestora de terem pichado a escola. Todos foram recebidos com o “tal” documento e foi solicitado que o responsável – no caso, as responsáveis, pois só as mães foram – assinasse o pedido de transferência dos estudantes.

A mãe do Maycon assinou e disse que, quando ele chegasse do trabalho, ia se ver com ela. Como ele tem moto, não será tão prejudicado pela transferência, embora a mãe diga que não sabe onde o filho estava na noite de sábado e a Noeli estrategicamente “tenha se esquecido” de contar que os pichadores estavam de bicicleta.

A mãe do Jorge foi muito bem recebida. O documento acusatório não foi apresentado, e Noeli recomendou que a mãe conversasse com o filho, pois “tinham alegado” que ele estava entre os vândalos, o que Helena Fantinni negou de pronto. Disse que no final de semana estiveram no sítio da família no interior e que Jorge não saiu de lá em momento algum. Noeli, então, pediu desculpas à senhora e disse que a pessoa que tinha denunciado estava provavelmente equivocada.

Já a Maísa, mãe da Isa, não teve o mesmo tratamento. Assim que entrou, não foi nem convidada a se sentar. As duas de pé, Noeli disse que tinha certeza de que ela estava entre os invasores e que o vizinho a tinha reconhecido. Disse que

ela já tinha causado problemas demais na escola e exigiu que a mãe assinasse a transferência da filha para outro colégio.

Assim como Helena Fantinni, Maísa contou que não era possível ter sido a filha, pois ela estava trabalhando em uma festa infantil no DeltaVille e que chegou em casa, na van da empresa, por volta das 23h30 de sábado. A menina tomou banho e em seguida foi dormir, acordando no domingo às 11h.

No entanto, Noeli insistiu que ela tinha sido reconhecida pelo vizinho e que a filha provavelmente havia mentido para a mãe sobre onde ela teria ido naquela noite. A mãe da Isa, no entanto, sabe muito bem da responsabilidade da filha e perguntou:

– A senhora tem filhos, dona Noeli? – disse olhando fixamente nos olhos da gestora.

----- ^ p.24 v

– Não, não tenho – respondeu, confusa com a pergunta.

– Pois então, dona Noeli. Eu sou mãe de três meninas. A mais velha delas é a Isa. Ela cuidou das irmãs menores durante anos preu poder trabalhar. E mesmo assim continuou sendo boa aluna. Eu gerei esta menina em meu ventre, amamenteei enquanto pude e fui eu mesma que criei. Eu conheço o caráter da minha filha. Ela estava trabalhando. E sou capaz de qualquer coisa para que ela não seja injustiçada. Eu não vou assinar transferência nenhuma. E digo mais: vou agora atrás de providências para acabar com essa perseguição a ela. Eu sei de tudo, minha filha é minha amiga. A senhora, que não tem filhos, não tem condições de entender isso.

Chocada com o relato e o posicionamento da mãe, Noeli ficou sem palavras. Maísa virou as costas e foi embora, deixando Noeli em pé no mesmo lugar onde a recebeu.

• • •

Quando chego à escola, o primeiro estande com que me deparo é o do 3º C. Um cartaz gigante, com mais de 1,5 m de largura, estampa a parede.



Os estudantes descobriram que o Barão de Cotegipe, além de deputado, senador e ministro do império, também tinha sido um conservador escravocrata que, além de outras crueldades, tinha votado contra a Lei Áurea na quase unânime votação no Senado a favor da libertação dos escravizados.

Fizeram panfletos com a história do barão e lançaram uma lista com possíveis nomes para substituir o “homenageado”, que prontamente vira palco da variedade da zoeira e criatividade dos adolescentes. Propostas como: Colégio Santa Beyoncé Gaga, Free Fire School, Colégio Escorpião com Ascendente em Câncer, Colégio Professor Faltou, Colégio só Educação Física, Colégio Pode Dupla de Três?, Colégio Chapolin Colorado e muitas outras pérolas. Gosto de como abordaram os aspectos históricos de maneira inteligente e divertida.

Chega o momento de anunciarem os vencedores do concurso de redação. O terceiro lugar vai para o Bruno César, do 3º B, que ganha a medalha de bronze e um livro. O segundo lugar vai para a Larissa, do 2º D, que recebe a medalha de prata e também um livro. No momento em que vão entregar o primeiro lugar, há então uma surpresa. A professora de português, a dona Romilda, diz que a redação campeã está com o nome em branco.

– Então vou lê-la aqui para todos ouvirem, e quem for o dono ou dona contará o restante do texto.

A professora começa a ler, e rapidamente a Geovanna vai ao encontro da Isa, que está conversando com o Jorge, e pede para ela ouvir a leitura da redação. Extremamente confusa, Isa diz:

– Mas o que é isso? Esse texto é meu! Eu não participei do concurso! Essa professora nem lia a minha redação se eu estivesse concorrendo. Ela me odeia. – É então que ela olha para Geovanna, que está sorrindo.

– Eu peguei um texto seu que tinha em casa e te “inscrevi” no concurso – diz Geovanna em um misto de nervosismo e empolgação.

– Vai lá, pega o seu prêmio! Anda! – diz Jorge enquanto quase arrasta Isa até ao palco.

– É da Isa a redação – grita Geovanna, animada.

No entanto, o semblante da professora muda instantaneamente. Parece pasma com o que ouve. Mas tenta disfarçar.

– Então conta o restante do texto – diz ela.

Isa está com tanto nervosismo que fala tão rápido que quase não se consegue compreender. Mas a professora está com o texto na mão e compreende que, sim, a dona do texto é Isa. A professora, em choque por ser obrigada a entregar o prêmio de melhor redação da escola para Isa, fica parada por alguns segundos, olhando para o nada; provavelmente pensando na situação. As outras professoras de português que dão aulas para os segundos e terceiros anos chamam Isa para subir no palco e receber os prêmios.

Cada uma delas entrega um prêmio. A primeira, uma agenda:

– Parabéns, seu texto é excelente. Você escreve muito bem – diz, sorrindo, enquanto lhe dá o presente.

– Você tem futuro nessa área, sua redação nos emocionou – diz a professora do segundo ano enquanto entrega o livro.

Entregar a medalha de ouro fica a cargo da professora de Isa, a dona Romilda. Ela não diz uma única palavra. Passa o cordão da medalha pela cabeça de Isa e imediatamente começa a bater palmas, que são acompanhadas por aplausos, assobios e gritaria geral dos estudantes de toda a escola.

Isa fica sem graça, mas, ao olhar Jorge, vê um sorriso imenso de admiração. Desce do palco e ele lhe dá um abraço demorado. É um momento muito importante da nossa feira.

Graças a Geovanna e seu plano do bem, Isa teve finalmente seus talentos para a escrita reconhecidos por todos do Colégio Barão da Escola Democrática, que foi o nome que coloquei na lista de sugestões.

– Mãe, essa é a Isa, a minha amiga lá da escola que te falei – diz Jorge ao chegarmos à sua casa. A mãe dele me abraça, diz que é para eu ficar à vontade e me pergunta se eu quero alguma coisa: um suco, um refrigerante ou um chá.

Não me lembro de ter estado tão insegura e nervosa quanto naquele momento. Jorge me buscou em casa, lá mesmo na minha casa simples, na rua de terra, no conjunto com casinhas iguais. Estava muito apreensiva, preocupada com o que ele pensaria da minha vida. Mas quando entrei no carro os olhos dele brilhavam. Ele estava feliz por estarmos juntos fora da escola pela primeira vez.

Ele já havia me convidado para ir à casa dele. Mas eu sempre inventava uma desculpa, porque sabia que não ia me sentir confortável naquele lugar tão diferente do que eu vivo. Mas foi tudo tão natural! O jeito dele, a recepção da mãe dele, tudo me surpreendeu.

Falamos das coisas da escola sentados em umas cadeiras na área externa, perto da piscina. Eu digo que só vou aceitar ir lá quando a mãe dele estiver em casa. Em vez de ficar chateado, Jorge diz que entende e que vai fazer como eu achar melhor.

Dona Helena se senta alguns minutos conosco, fala coisas sobre o tempo estar muito seco. Me pergunta sobre o concurso de redação, pois o Jorge contou para ela, todo contente, que eu havia ganhado o concurso.

Ela pergunta que tipo de coisa eu gosto de escrever e conta que na minha idade ela também escrevia muito, tinha vários diários e até arriscava poesias. Ela é muito gentil, embora de um jeito bem diferente das outras mães de colegas meus. Logo ela pede licença, diz que vai trabalhar no escritório e que, se precisarmos de alguma coisa, é só falar com a Josefa.

Eles têm uma empregada fixa e outros empregados que vêm algumas vezes por semana. Têm mesmo de ter muitos empregados para aquela casa gigantesca: jardineiro, limpador de piscina, diaristas etc. A minha casa cabe inteirinha na sala daquela casa. Começo a pensar que foi um erro ter ido àquele lugar.

– Nunca tinha te visto de vestido. Você está linda! – Jorge me desarma neste momento.

Ele me convida a dar um passeio pelo condomínio, que tem animais silvestres como veados, raposas, tatus, guaxinim, capivaras, lagartos, emas, macacos, tamanduá-mirim e aves como araras e tucanos. Diz que gosta de caminhar ali para pensar sobre a vida e os sentimentos e apreciar a paisagem. É realmente um lugar lindo, tem muito verde e um lago enorme. Caminhamos até a beira do lago e nos sentamos no deck.

– Quando me transferi para o colégio, não sabia o que esperar. Foi um momento muito conturbado para mim. Na verdade, ainda é um momento um pouco confuso, mas vejo que foi uma decisão acertada. Conheci pessoas e vivi situações que, se não estivesse lá, jamais teria conhecido ou vivido. Te conhecer, especialmente, me fez querer enxergar a vida de um jeito diferente – diz Jorge, olhando no fundo dos meus olhos.

Nesse momento, meu coração começa a disparar. Estamos a sós pela primeira vez.

– Eu também fiquei muito feliz com a nossa amizade, nossa aproximação. Mas você sabe que eu gosto de você de outra maneira, que não é só como amigo, né? Não sou boa em demonstrar, mas é o que sinto e o que decidi que te falaria hoje – falo, determinada.

Ele fica nitidamente surpreso com a minha revelação tão direta. Então pega a minha mão e, quando começa a falar alguma coisa, eu o beijo. Ele corresponde com carinho. Aquele cenário lindo e finalmente, somos mais que amigos.

Ficamos no deck durante algum tempo, até que o sol da tarde nos alcança. Ele diz que está com fome e me convida para fazer um lanche. No caminho para sua casa, passamos na frente de várias mansões, e em uma delas eu vejo minha mãe. Está lavando as janelas do lado de fora de uma das casas. Entro em pânico. Não sei o que fazer. Só consigo seguir em frente, em silêncio, como se não tivesse visto nada.

A partir daí, fico inquieta; minha tranquilidade foi embora. Logo depois do lanche, peço ao Jorge para me levar pra casa. Invento alguma desculpa sobre minhas irmãs. Ele acha estranho, pergunta se aconteceu alguma coisa, mas eu digo que não.

• • •

Na escola, as coisas se acalmam. A Noeli e a professora de português nos esqueceram, ao que parece. A iniciativa do Grêmio esfria por conta das pichações, que deixaram os colegas com medo de represálias, como o que aconteceu comigo e com o Maycon.

Fico pensando na Noeli e, honestamente, nem acho que ela seja tão má pessoa assim. A professora Ediane me disse que o pai dela era militar; que ela estudou em uma escola militar, com regras de quartel. Então, ela pensa que a melhor escola é aquela parecida com a onde estudou. Eu acho que, como ela ainda não tem filhos – soube que ela tenta há anos engravidar e não consegue –, ela não entende que as crianças e os adolescentes não são só um bando de gente que não sabe nada.

Nós também temos ideias, posicionamentos. Acho mesmo que ela não faz por mal. Só que esse jeito de pensar a educação está ultrapassado. Os jovens mudaram. Não queremos só acatar ordens, queremos ter direito de ser ouvidos e de participar das decisões. Quem sabe um dia ela não pense de outra forma, né?

A Geovanna também tá distante. Havíamos nos aproximado por conta das ações do Grêmio; mas como ela está sempre com o Dan, e eu, com Jorge, não temos nos falado muito.

Lá no curso, me dizem que vão me indicar para uma vaga. Tem mais duas meninas concorrendo, mas elas entraram agora no curso e, segundo o instrutor, as empresas procuram jovens aprendizes que já estão concluindo. Amanhã terei uma entrevista logo depois do almoço. Mas nem estou muito preocupada com isso, pois o erro que cometi hoje à tarde não sai da minha cabeça. Por que agi daquela forma? Estou me sentido horrível.

• • •

– Oi, mãe! – digo, apreensiva, assim que ela chega.

– Oi, filha – ela responde com uma expressão de cansaço.

– Tirei o frango do congelador à tarde, já deve estar no ponto para cozinhar. Você quer que eu faça a janta? – pergunto.

Ela, já no banheiro, responde:

– Não precisa.

E vai tomar banho.

Entro no quarto e as meninas não estão lá. Logo o Vilson chega e ele não gosta que elas não estejam em casa à noite. Pego o celular e me sento na sala. Minha mãe vai direto para a cozinha. Está amassando o alho e, depois, não ouço barulho nenhum. Nem de faca, nem de panela no fogo, nem nada. Vou à cozinha e minha mãe estava parada como uma estátua, de frente para a pia, segurando o pilão, sem fazer nenhum gesto. Acho aquilo estranho e me aproximo. É aí que vejo as lágrimas caindo do seu rosto.

– Mãe, me perdoa! Me perdoa, pelo amor de Deus! Não fiz por mal. Não sabia o que fazer. Não fique assim! Me perdoa – digo, desesperada e também em prantos.

– Minha filha, hoje foi um dos dias mais tristes da minha vida. Nós somos pobres, eu sei, mas te ver me ignorar daquele jeito... fingir que não sabia quem era a empregada que limpava a mansão que você passeava em frente... me senti tão pequena, tão inútil. Minha filha, que eu amo tanto, com vergonha de mim – diz ela em meio aos soluços de choro, com a cabeça baixa e em uma profunda mágoa e desgosto.

– Me perdoa, mãe. Eu não sei por que fiz aquilo. Estava nervosa, foi a primeira vez que eu encontrei o Jorge fora da escola. Não soube como lidar com a situação. Me perdoa, mãe! Por favor!

– Mãe sempre perdoa, minha filha. – E continua cozinhando enquanto as lágrimas vão caindo.

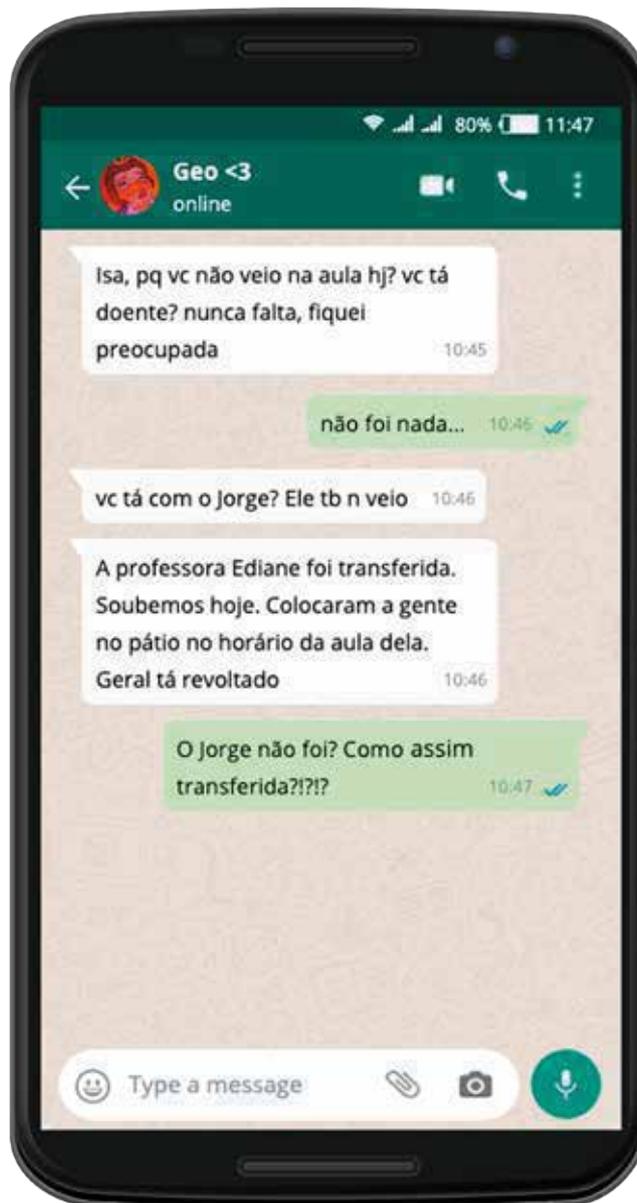
• • •

Não vou para a escola hoje. Não tenho estrutura nem para me levantar da cama. Minha mãe nem jantou ontem e foi dormir, se é que ela conseguiu dormir. Estou me sentindo tão culpada, desprezível, envergonhada. Ela se levantou muito mais cedo do que de costume e foi trabalhar antes que eu tivesse acordado. Possivelmente não queria me ver. Eu a entendo, também não queria ter que conviver comigo mesma.

O Jorge mandou várias mensagens desde ontem. Não as respondo. Não tenho coragem de contar a ele o que fiz. Nem de mentir.

Vou tentar me concentrar na entrevista de hoje. O representante da empresa vai lá no curso. O instrutor me explicou como devo me comportar e o que eu devo ou não dizer. A vaga é para trabalhar na recepção de uma clínica de estética. Recepcionar os clientes, verificar no computador os horários e quais são os pacientes de cada especialista, leva-los às salas dos procedimentos, essas coisas.

• • •



Apesar de tudo o que está acontecendo, consigo me concentrar e a entrevista me parece ótima. Não percebo se por acaso eu me saio mal em alguma resposta, e o entrevistador elogia o meu modo de falar. Diz que é muito correto e que não é cheio de gírias como boa parte dos adolescentes da minha idade.

----- ^ p.29 v

Uma das meninas que também será entrevistada não compareceu. Então apenas a outra garota, que começou o curso há apenas um mês, também vai concorrer à vaga. O entrevistador diz que vai dar a resposta ainda hoje, que ele só vai obter mais algumas informações.

Continuo no curso até o final da tarde e, antes de sair, o instrutor me chama na sala dele. Diz que a outra menina foi escolhida. E eu, pasma só consigo perguntar:

– Por quê?

- Duas coisas, Isa: a primeira é que eles vieram me perguntar como você era aqui no curso.
- E o que você disse? – pergunto, já indignada.
- Calma. Eu disse a ele a verdade. Que você não falta, não chega atrasada, é esforçada, inteligente e educada.
- E então? – digo, impaciente.
- Então que ele pediu o nome do colégio onde você estuda. E lá ele teve informação de que a “Isa” do curso não é a mesma “Isa” da escola. Não sei exatamente o que disseram, mas esse foi um dos motivos. O segundo deles, segundo ele, é que eles têm preferência por garotas que tenham uma aparência semelhante à dos clientes da clínica. Foi o que ele disse.

Nem sei direito o que respondo. Só penso em ir para casa, mas lá também terei de enfrentar outro grande problema. E essa história de o Jorge não ter ido à aula? E a transferência da Ediane. Que dia é esse? Parece que caí no meio de um furacão.

A menina conseguiu a vaga porque é branquinha, do cabelo liso e olhos claros. E também porque a escola fez a minha caveira para o empregador. Eu venci aquela merda de concurso de redação. Eu escrevi a melhor redação de toda a escola. São dezoito salas, com mais de trinta alunos em cada. Minhas notas são boas em todas as matérias. Eu não falto, não chego atrasada e entrego todos os trabalhos e atividades. Mas eles se concentraram, com toda certeza, nos protestos para a criação do grêmio e na suspeita de que fui eu quem pichei a escola.

• • •

Choro durante toda a viagem de ônibus. E, para completar, o Jorge está com o celular desligado desde o final da manhã. Ou será que me bloqueou? Ontem ele viu onde eu moro e a discrepância de nossas realidades. É isso. Só quero chegar em casa e dormir.

• • •



Durmo até meio-dia. Minhas irmãs saíram cedo para ir à casa de uma colega. Vão passar o dia em um clube do qual a mãe da garota é associada por conta do trabalho. Vou dar banho no Dog Mc. Amanhã tenho trabalho em uma festa infantil, lá no DeltaVille de novo. Tem vaga ainda. Bem que a Geo poderia ir.

Minha mãe não toca mais no assunto. Eu também não. Mas eu sinto que ela está triste. Hoje ela também tem faxina lá no condomínio. Não consigo mais falar com o Jorge. Acho mesmo que ele me bloqueou. É tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo que não sei nem por onde começar.

• • •

Dessa vez, estou servindo as mesas. A dona da festa não quis algodão-doce. A única coisa boa dessa função é comer salgadinho até não caber mais. Toda vez que vou reabastecer a bandeja, como dois ou três. Concentrada no trabalho, eu me esqueço, ao menos por algumas horas, do furacão que está minha vida.

Contei para a minha mãe e para o Vilson o que aconteceu na entrevista de emprego. Vou terminar o curso só porque já perdi muito tempo, gastei dinheiro e não posso perder esse certificado. Mas já entendi que ali não vou conseguir um trabalho. A escola estragou tudo.

Minha mãe contou que uma das patroas dela tinha dito que ia tentar conseguir uma vaga para mim em uma das empresas da família. Essa é das legais, minha mãe conta que a maioria só conversa sobre a faxina e para pedir para fazer mais coisas. Mas ela não reclama. É muito boa de serviço e tem a semana cheia. Ganha mais do que se fosse fixa em alguma casa. Mas também cansa muito mais.

Dessas coisas todas que estão acontecendo, a que mais mexe comigo é o que fiz com minha mãe. O resto, eu sei que vai passar. Eu vou sair um dia daquela escola, vou ter uma profissão e quero deixar minha mãe orgulhosa; mas, por enquanto, tenho de lidar com o erro que cometi.

A Geo não pôde vir trabalhar, ela tem um compromisso na igreja. Ela faz parte do grupo de jovens e canta no coral. A mãe dela é muito católica, e a Geo gosta muito de participar. Pena que eu trabalho quase todo final de semana, senão eu ia querer ir com ela.

Minha mãe também não é de igreja, não nos acostumamos a frequentar. A minha avó escuta a missa no rádio. Ela mora na zona rural, então fica difícil para ela ir, mas ela sempre reza antes das refeições. Quando a gente vai para lá, tem de rezar antes de dormir.

Tenho sentido vontade de rezar, de conversar com Deus para pedir forças e coragem para encarar os desafios dessa fase difícil que estou vivendo. Apesar de estar sentida com o que fiz com a minha mãe, esse sumiço do Jorge não me sai da cabeça. Mas amanhã eu converso com ele na escola.

Hoje a festa vai terminar mais cedo, vou conseguir chegar em casa e terminar o livro que estou lendo. Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. É um livro fantástico, tenho aprendido muito com a história. Especialmente sobre minha mãe, mulher negra de pele escura, e sobre mim, que me considerei a vida toda como “morena”, mas tenho me descoberto como “negra” e valorizado essa minha característica.

Tenho pensado no que a Geo me disse sobre o Jorge. Penso que ela pode ter razão, pelo menos em parte. Somos mesmo de mundos muito distantes. Esse romance nunca daria certo. A Josefa, ou Zefa, como o Jorge chama, é a cara da minha mãe. Vestida de uniforme, ouvi dele a frase “ela é minha segunda mãe”.

Fiquei pensando: que mãe que veste uniforme?

• • •

– O que você está fazendo aqui? – Essa é a primeira coisa que digo à Geo quando a vejo no meu quarto às 6h da manhã.

– O Jorge postou nas redes sociais um texto que viralizou, tem milhares de compartilhamentos. Quando vi, eram umas três da manhã. Te liguei umas trinta vezes, mas você não atendeu. Assim que amanheceu, eu vim para te avisar. Tem centenas de comentários na postagem. Os colegas da escola, os pais dos colegas e pessoas de outras escolas e professores de tudo quanto é lugar – diz Geovanna, esbaforida.

– Como assim? O que diz o texto? – pergunto, ainda meio sonolenta e sem entender direito o que ela está falando.

– São coisas pessoais, mas ele fala de você. Fala da escola, dos caminhos da criação do Grêmio. Ele também postou a foto com a nossa lista de reivindicações. Abre e lê – diz a Geo, impaciente.

Estou tão ansiosa que nem consigo desbloquear a tela do celular. Quando começo a ler, vejo que foi mesmo o Jorge quem escreveu.



Jorge Fantinni

@jorge.fn

Deixar de seguir



Passei nos últimos dois meses situações que jamais imaginei vivenciar. Conheci pessoas e lugares que me fizeram pensar, em muitos momentos, que eu poderia ter muito a experimentar e a contribuir para o mundo. Me apaixonei, me dediquei a um projeto realmente significativo uma vez na vida. Mas a angústia e a falta de perspectiva ainda me acompanharam por algum tempo.

Saí do colégio onde estudava porque achava todos muito superficiais e sentia ali que minha vida não tinha muito significado. Na escola pública, fui bem recebido por todos, acolhido mesmo, de um modo como nunca me senti tão querido. E juntos nos engajamos em uma luta muito bonita. Logo me transformei em uma pessoa entusiasmada, esperançosa e até mesmo determinada.

Sair de um colégio de elite para a escola pública, para o nosso Colégio Barão de Cotegipe, foi uma das decisões mais acertadas da minha vida. Construí ali amizades, conheci o amor, participei de uma iniciativa nobre. E senti que minhas ações foram significativas para nosso propósito coletivo.

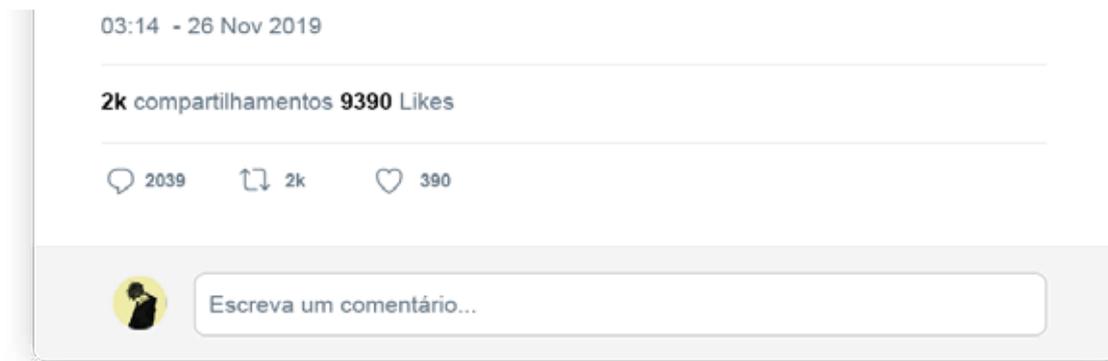
Conheci uma garota que me fez sentir que eu conseguiria superar todos os meus conflitos internos. Isa, você é minha fortaleza, é por você que tenho a vontade e a alegria de viver. E também, é claro, por nosso ideal em comum. Mas sinto por não termos conseguido êxito em nossa jornada até hoje.

Peço desculpas a todos os colegas do Barão por ter deixado esfriar nossa batalha por uma escola mais democrática, na qual os estudantes – verdadeiros protagonistas da educação – tenham voz, sejam ouvidos e suas ideias e proposições sejam consideradas. Nós travamos uma luta limpa, com coragem e união. Não termos conseguido me fez experimentar novamente a sensação de fracasso pessoal. Mas tenho certeza de que existem outras pessoas que pensam como nós e que sonham também com uma proposta de escola mais inclusiva e onde os estudantes tenham direito a se envolver e participar das discussões e decisões desta instituição.

É pensando justamente nestas pessoas que eu faço essa postagem. Quero que esta mensagem sensibilize as pessoas que podem mudar essa situação. Nós não estamos em uma disputa contra a escola. Pelo contrário, somos a favor de nosso colégio. Mas de um colégio no qual os estudantes tenham um espaço de diálogo onde a opressão e a submissão sejam substituídas pela união igualitária de esforços para atingir um propósito comum: uma educação cidadã.

Jorge, estudante do 3º C do Colégio Barão de Cotegipe.

[#educacao](#) [#participação](#) [#dialogo](#) [#cidadania](#) [#luta](#)
[#educacaolibertadora](#) [#educacao](#) [#projetocoletivo](#) [#uniao](#)
[@colbaraocotegipe](#) [@secretariaeducacao](#) [@ministerioeducacao](#)
[@noelisantana_374](#) [@iis4_martins](#)



– Morri! A postagem já tem mais de 2 mil compartilhamentos e milhares de curtidas. Tantos comentários! Não consigo ler antes de ir para a escola.

– Isa, tem comentário até da Secretária de Educação! Pira nisso! Ela disse que vai cuidar pessoalmente do caso – diz a Geo, rindo de alegria.

– Tô vendo! Meu Deus, tem comentário de mães e pais apoiando. Será que a Noeli viu? – pergunto, agora também empolgada. Nós duas não conseguimos parar de rir.

Nesse momento, o meu telefone toca. É o Jorge. Meu coração dispara.

– Oi, Isa. Agora vamos conseguir, né? – diz ele também com a voz animada.

Mas a minha vontade é de atacá-lo com as palavras de raiva que estão no meu coração, ao mesmo tempo que também quero entrar dentro do celular e abraçá-lo.

– Por que você me bloqueou? Eu estava preocupada com você. O que aconteceu? – digo de forma impulsiva, ignorando a sua pergunta.

– Eu não te bloqueei. Desativei as redes sociais, deixei o celular em casa e fui para o sítio. Precisava de um tempo para pensar. Depois que nos encontramos na minha casa, foi um momento tão feliz, mas me fez lembrar de que eu não consegui cumprir o que prometi para você. Que era te ajudar a não sofrer tanto naquela escola. E eu só piorei as coisas.

– Não foi culpa sua. Como você diz na postagem, nós lutamos. E agora milhares de pessoas também estão do nosso lado! – digo, aliviada e emocionada ao mesmo tempo.

– Isa, você viu o comentário da Secretária de Educação?

– Vi, sim. Mas estamos atrasados para a escola. Conversamos lá, certo?

– Eu já estou aqui na porta do colégio, te esperando.

• • •

– E a professora Ediane? Você soube o que aconteceu? – pergunto à Geo na hora do intervalo.

– Disseram que foi ela quem pediu transferência. Parece que a Noeli e os aliados estavam fazendo um inferno na vida dela. Eles acham que as coisas que estão acontecendo na escola, os protestos e a pichação, são culpa dela. Afinal, ela foi a única professora que participou da criação do Grêmio e também nos defendeu muitas vezes – diz a Geo.

– Será que alguém tem o contato dela para a gente perguntar pra ela?

- Vou ver com o Dan que está há mais tempo aqui no colégio.
- Você viu a Noeli aí na escola? – pergunto.
- Acho que ela ainda não apareceu hoje, Isa. Cadê o Jorge? – pergunta a Geo, desconfiada.
- O Jorge virou celebridade. – Eu rio. – Está conversando com a galera sobre a postagem e a repercussão.
- E ele, o que pensa que vai acontecer agora?

– Geo, ao mesmo tempo que ele está empolgado com a possibilidade de mudanças, ele também está com medo de retaliações. Afinal, nós conhecemos como a Noeli e seu grupo de apoiadores são. Mas eu sinto que dessa vez vai dar certo.

• • •

A consequência da postagem é tão ampla que o Jorge é convidado por uma jornalista, amiga da mãe dele que também mora no condomínio, a participar de uma reportagem em um jornal da TV local. Ele fala sobre o que o motivou a publicar o texto e também sobre as ações que o Grêmio organizou e a dificuldade de abertura para o diálogo. É uma emissora pequena, mas ficamos empolgados.

A repórter vai à escola e fala também com a Noeli, que repete o mesmo discurso usado nas salas de aula. Diz que entendeu que os estudantes estão fazendo reivindicações justas e que vai promover uma gestão mais participativa com a comunidade escolar. Obviamente, eles filmam as pichações, e isso também aparece na TV, mas não de um modo negativo.

O Jorge também entrega a lista de reivindicações para a jornalista, e ela é postada na reportagem publicada no site do jornal. Isso também gera muitos comentários no site e nas redes sociais, pois um dos primeiros itens é a solicitação de papel higiênico e sabonete nos banheiros. Ganhamos ainda mais apoio on-line.

GRÊMIO ESTUDANTIL PAULO FREIRE

Reinvidicações dos estudantes

1. Consertar **os ventiladores estragados**;
2. **Consertar os sanitários** que não estiverem funcionando;
3. Disponibilizar **sabonete e papel higiênico nos sanitários**;
4. Disponibilizar bancos-de cimento-no pátio, para que **os estudantes possam sentar no recreio**;
5. Escutar as queixas que os estudantes têm **a respeito de alguns professores** e orientá-los caso necessitem;
6. Disponibilizar um espaço dentro da escola-**bicicletário**-para que possamos guardar nossas bicicletas (levando em conta que há estacionamento para os carros dos funcionários);
7. Arrumar **a tabela de basquete** da quadra e **a rede de vôlei**. EF não é só futebol;
8. Promover **mais feiras culturais, concursos de redação, jogos matemáticos, feiras de ciências e atividades artísticas**.
9. Não usar **avaliações** como forma de **punição**;
10. Melhorar a qualidade e quantidade da **merenda** (chega de bolacha de água e sal e chá);
11. Abertura da **biblioteca** para realização de pesquisas, estudos e empréstimos de livros;
12. Autorizar e participar das **reuniões mensais do Grêmio** no colégio;
13. A **gestão responder às reinvidicações dos estudantes** e justificar caso não sejam atendidas;
14. **Abrir um espaço pacífico de diálogo e escuta aos estudantes**.

Quando a reportagem vai ao ar, Jorge ficou um pouco chateado a princípio, porque a jornalista dá um destaque maior à história do garoto rico que foi para a escola pública para conhecer uma nova realidade e ajudar a transformar a gestão do colégio. Mas depois nós entendemos que na imprensa é assim mesmo. Eles precisam evidenciar o que vai dar audiência. Mas ele conseguiu falar da nossa luta, e isso é o que interessa.

No dia seguinte, só se fala da reportagem na TV e no site. A galera está enlouquecida, se sentindo pela primeira vez empolgada com a possibilidade de ter as solicitações atendidas e de finalmente ser aberto um canal de diálogo e participação dos estudantes.

Dessa vez, não há retaliações. A Noeli passa de sala em sala para falar sobre a postagem e reportagem, além de comunicar o seu novo posicionamento. Diz que recebeu muitas ligações e mensagens de pais dos estudantes e de outras pessoas que querem saber da situação e oferecer apoio à mobilização dos estudantes. Ela diz que vai oficializar a criação do Grêmio e vai incluir os estudantes nas discussões e decisões da escola. É aplaudida em várias salas e demonstra gostar da reação dos estudantes.

Na hora do intervalo, no mesmo dia, tem papel higiênico e sabonete líquido em todos os banheiros. Também há trabalhadores consertando os ventiladores das salas enquanto estamos do lado de fora. Não conseguimos acreditar que tudo aquilo está acontecendo.

Mas o melhor de tudo é ver o Jorge bem e feliz novamente. O brilho nos olhos dele é outro.

• • •

No final da semana, a Noeli nos chama para uma reunião na sala dela. Eu, o Jorge, o Tiago, o Bruno César e a Geo. A Comissão Pré-Grêmio. Ela começa falando comigo e com o Jorge.

----- ^ p.33

– Eu vou começar a falar com vocês dois porque tivemos conflitos mais significativos do que o restante do grupo. Isa e Jorge, eu queria que soubessem que, a partir do texto do Jorge e de toda a repercussão, percebi que eu poderia ter agido de outra maneira com vocês. Para mim, era muito difícil entender a gestão da escola de outra forma que não a que eu sempre segui – diz, sincera, e completa, agora se dirigindo a todos nós: – Eu decidi que preciso mudar, que o meu modo de administrar a escola não está mais adequado para os jovens da atualidade. Vou ouvir vocês e atender as reivindicações, que, em sua maioria, são justas. – Ela parece estar sinceramente arrependida.

• • •

O Dan consegue o contato da professora Ediane. Ela nos conta que a Noeli a convidou para voltar à escola, só que agora na função de Coordenadora Pedagógica. Ela pediu perdão pela perseguição à professora e disse que quer construir um projeto de escola democrática. Mas, como não sabia bem como fazer isso, precisava da ajuda da professora Ediane.

A professora Ediane aceitou e vai voltar na semana que vem. Ela nos conta que a primeira ação dela no cargo será chamar os integrantes do Grêmio para conversar a respeito de suas ideias e reivindicações.

A ESCOLA

Fui palco de muitos conflitos, emoções e relações entre pessoas. Hoje sou um espaço onde todos têm voz e vez. Fui transformada pela ação dos estudantes e pela consciência democrática da gestão e do corpo de professores.

Hoje acolho eventos, reuniões e ações que envolvem toda a comunidade. Mães, avós, pais, irmãos dos estudantes participam de vários projetos aqui.

O Barão não tem mais aquela cara austera que só se preocupava com obediência e punição. Hoje, os estudantes cooperam e participam das decisões. Noeli aprendeu muito. A Ediane conduziu o projeto de “escola para todos”, concretizado em parceria com a comunidade escolar. A Romilda se aposentou, e o clima escolar e as relações entre todos melhoraram bastante. Há muito ainda a ser feito, mas há boa vontade e muito menos conflitos.

Os estudantes estão mesmo participando ativamente das decisões e ações da escola. Tudo isso fez com que a aprendizagem melhorasse, uma vez que os alunos se sentem mais satisfeitos e empenhados e os professores têm se preocupado apenas com o processo educativo, e não mais com os conflitos e problemas disciplinares.

Ah! O abandono escolar também diminuiu, e os professores estão aprendendo que o espaço da sala de aula não é apenas para ensinar conteúdos; que nessas quatro paredes também são bem-vindos, debates, conversas e proposição de ações e ideias que envolvam temas com emoções, vivências cotidianas, expectativas para o futuro, exercício da cidadania e para a vida em sociedade.

O espaço que foi aberto para o diálogo e participação nas propostas e decisões também fizeram os estudantes passarem a sentir-se responsáveis pelas relações, pelo processo educativo e também pela conservação do espaço do qual fazem parte.

A Noeli separou uma parede de um dos laboratórios para que os estudantes deixassem suas marcas e seus nomes e, assim, pudessem expressar suas vontades e sentimentos. Ficou lindo. Olha você mesmo e diz o que achou:



• • •

Jorge foi visitar a Isa em sua casa poucos dias depois da reportagem na TV. Conheceu o Dog Mc, que o reconheceu, assim como as irmãs da Isa e também sua mãe, que fez pão de queijo e suco de maracujá. Isa não teve vergonha da sua casa nem de sua família. E Jorge ficou contente em poder retribuir a visita.

• • •

Hoje, Jorge está feliz. Começou a cursar faculdade. Isa conseguiu um estágio em um jornal da capital. Lá ela posta as reportagens no site e já escreve alguns textos. Continua no Barão, fazendo o segundo ano na mesma sala que a Geovanna. Ela também foi eleita a presidente do Grêmio Estudantil Paulo Freire e tem uma relação de respeito mútuo com a gestão da escola. Continua sonhando com um mundo mais justo. Nesse objetivo, ela tem feito a sua parte.

• • •

– E hoje é uma escola perfeita? – você deve estar se perguntando.

Claro que não! Pois estou em eterna construção. E cada pessoa que aqui frequenta traz e deixa um pouco de si. E você? O que levou da escola? O que deixou na escola?